

O TRISTE FIM DO PEQUENO MENINO OUTRA

TIM BURTON

E OUTRAS
HISTÓRIAS



Tim Burton é um dos maiores autores do cinema americano contemporâneo. Seus filmes, embora distintos, trazem sua marca indelével, tanto temática como estética.

Para os admiradores de sua obra, é possível garimpar aqui e ali alguns trabalhos do autor em outras áreas que ajudam a compor o painel de seu imaginário — como o antológico curta-metragem *Vincent* ou a série de animação para a internet *Stain Boy*. Mas nenhuma dessas pistas é tão preciosa como *O triste fim do pequeno Menino Ostra e outras histórias*.

O livro, com poemas do autor e ilustrações de próprio punho, mostra de forma livre e intensa seu imaginário. É como se ele condensasse a essência de Tim Burton, que, na complexidade de um filme de grande orçamento hollywoodiano, se revela de forma mais escamoteada.



O TRISTE FIM DO
PEQUENO MENINO OSTRÁ
& OUTRAS HISTÓRIAS

TEXTO E ILUSTRAÇÕES

TIM BURTON

TRADUÇÃO

MÁRCIO SUZUKI

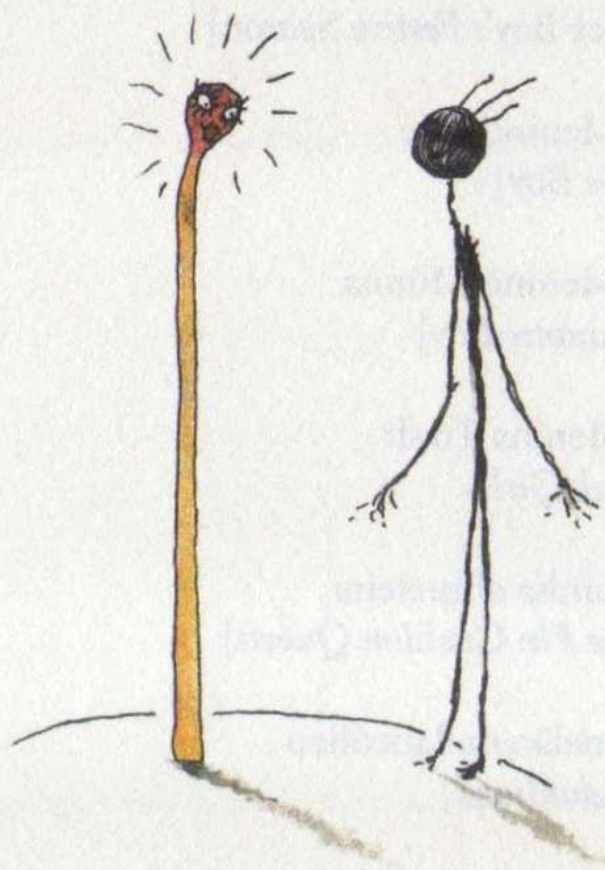


Para Lisa Marie

Sumário

11. Menino Palito e Garota Fósforo
[*Stick Boy and Match Girl in Love*]
15. O Menino Robô
[*Robot Boy*]
21. A menina de olhos fitos
[*Staring Girl*]
33. O menino de pregos nos olhos
[*The Boy with Nails in his Eyes*]
35. A menina de muitos olhos
[*The Girl with Many Eyes*]
36. Menino Mancha
[*Stain Boy*]
39. O triste fim do pequeno Menino Ostra
[*The Melancholy Death of Oyster Boy*]
61. Garota Vodú
[*Voodoo Girl*]
65. O Natal especial do Menino Mancha
[*Stain Boy's Special Christmas*]
69. A menina que virou cama
[*The Girl Who Turned into a Bed*]
73. Breno, o Menino Veneno
[*Roy, the Toxic Boy*]

81. Luciano
[*James*]
83. As festas de fim de ano do Menino Palito
[*Stick Boy's Festive Season*]
84. O Menino Brie
[*Brie Boy*]
87. O Menino Múmia
[*Mummy Boy*]
99. A Menina Trash
[*Junk Girl*]
103. A rainha alfineteira
[*The Pin Cushion Queen*]
104. O melão melancólico
[*Melonhead*]
107. Chega, Lola, chega!
[*Sue*]
111. Benjamin, o terrível Menino Pingüim
[*Jimmy, the Hideous Penguin Boy*]
113. Carboninho
[*Char Boy*]
115. O Bebê Âncora
[*Anchor Baby*]
123. O Menino Ostra sai para passear
[*Oyster Boy Steps Out*]



Menino Palito e Garota Fósforo

Menino Palito gostava da Garota Fósforo.

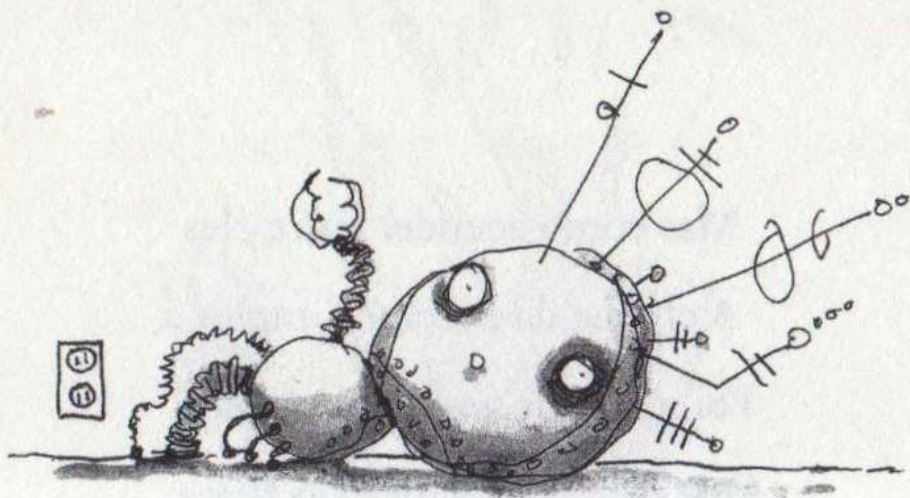
Gostava era pouco:

Sua figura esbelta

O deixava louco.



Mas como acender entre eles
A chama da paixão? Simples.
Foi só seguir seu desejo à risca,
Que ele saiu queimando faísca.



O Menino Robô

Senhor e senhora Silva levavam uma vida
sossegada.

Vida de gente normal, feliz e bem casada.

Um dia tiveram uma notícia

Que encheu o marido de contentamento:

A mulher esperava um filho,

E ele ia ser pai do rebento!

5

Mas algo deu errado naquele mar de felicidade.

A criança era... um robô!

Não parecia gente de verdade.

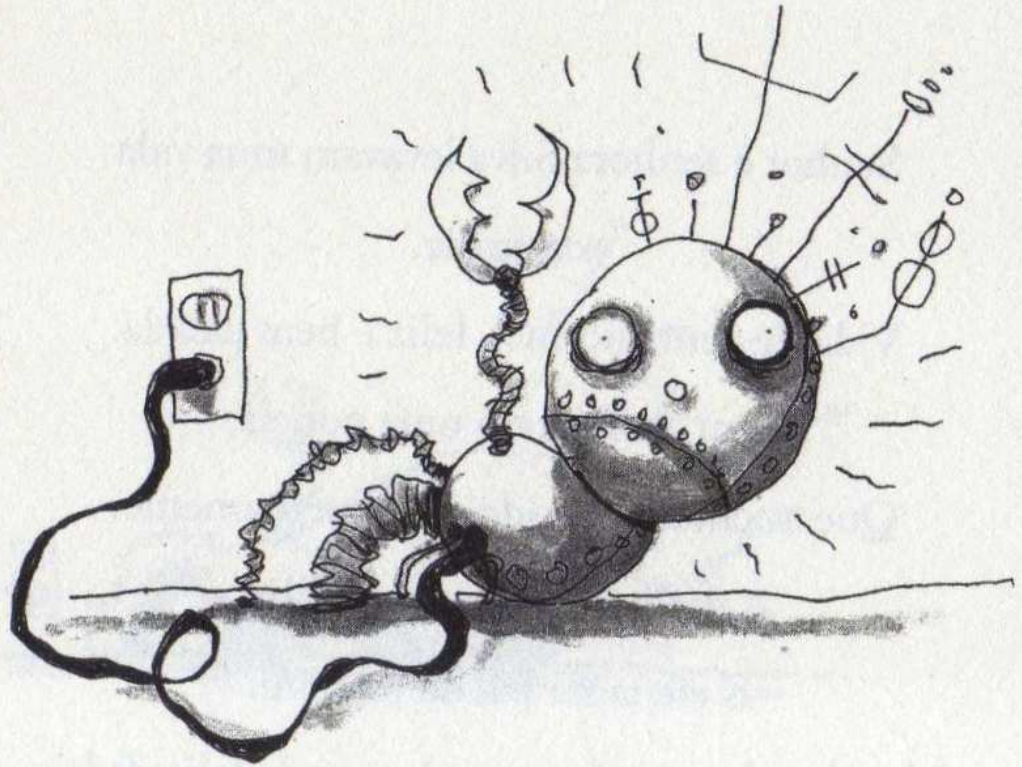
Um bebê nem quente nem fofo, que estranho!

A pele: uma fria e fina chapa de estanho.

Da cabeça lhe saíam antenas e fios.

E ele ficava largado, sempre com olhos parados,

Nem morto nem animado.



Quando até a tomada um longo fio
elétrico se estendia,
Este era o único momento do dia
Em que ele ficava cheio de energia.

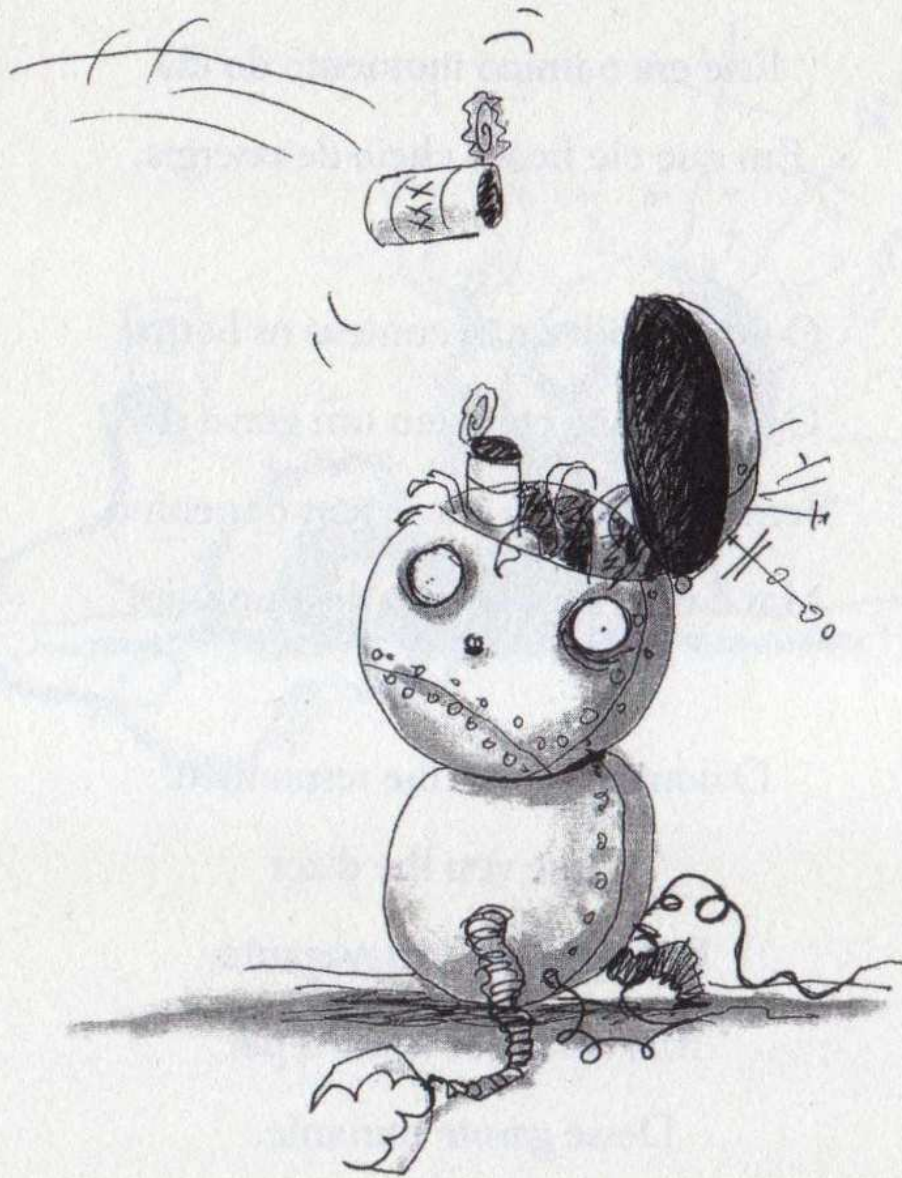
O senhor Silva não conteve os berros:
“O doutor não cometeu um grave erro?
Nem sangue nem carne tem o menino,
Mas é uma simples liga de alumínio!”

17

O doutor, gentil, lhe respondeu:

“O que vou lhe dizer
Pode parecer extravagante
Mas o senhor não é o pai
Desse garoto mutante.

Veja bem, a questão não é simples
E requer investigação profunda,
Mas achamos que o pai dele
É o forno microondas.”





A menina de olhos fitos

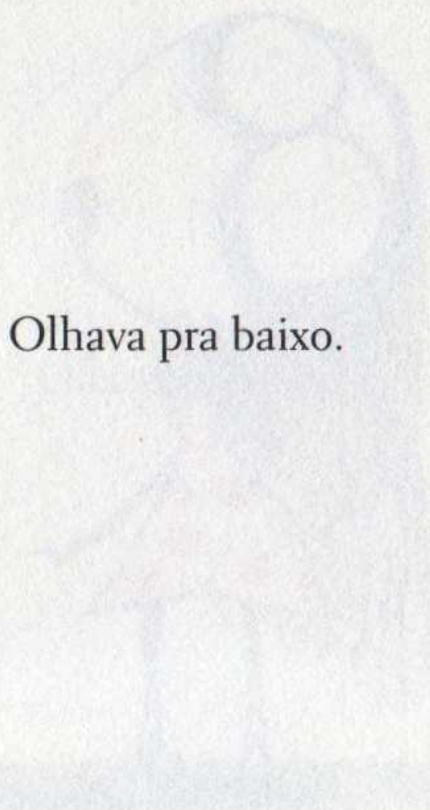
Sempre de olhos fixos, arregalados:

Uma menina assim eu conheci.

Olhava com o ar parado,

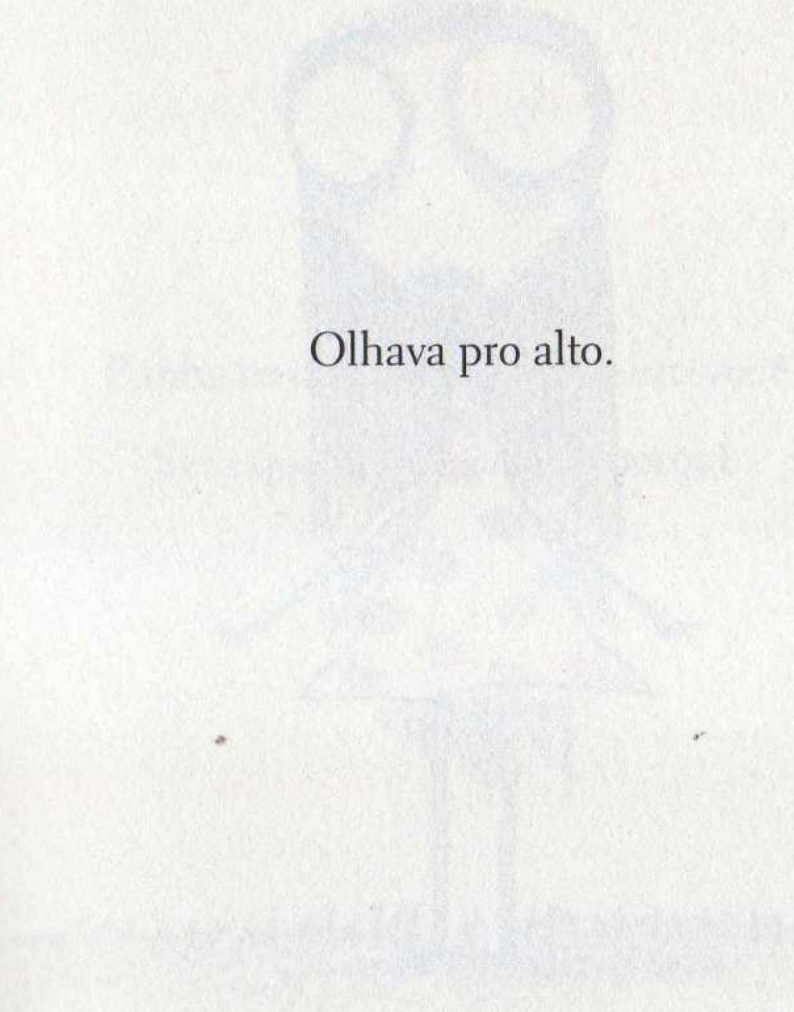
Ar de quem não está nem aí.





Olhava pra baixo.



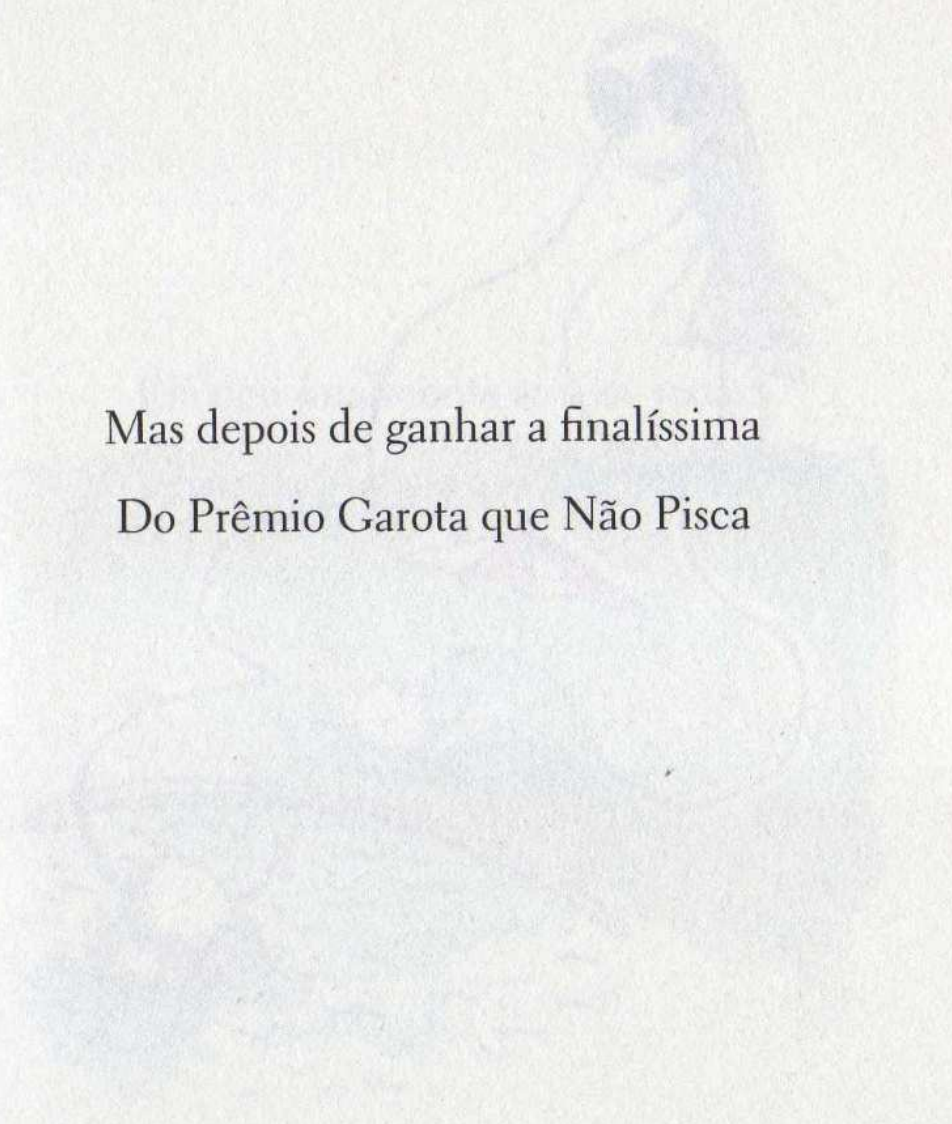


Olhava pro alto.



Punha os olhos um tempão em você,
Sem que ficasse claro o porquê.



A faint, light-colored illustration of a woman in a long, flowing dress, possibly a historical or literary figure, is visible in the background. She is standing and looking slightly to the right. The illustration is very light and blends into the page's texture.

Mas depois de ganhar a finalíssima
Do Prêmio Garota que Não Pisca

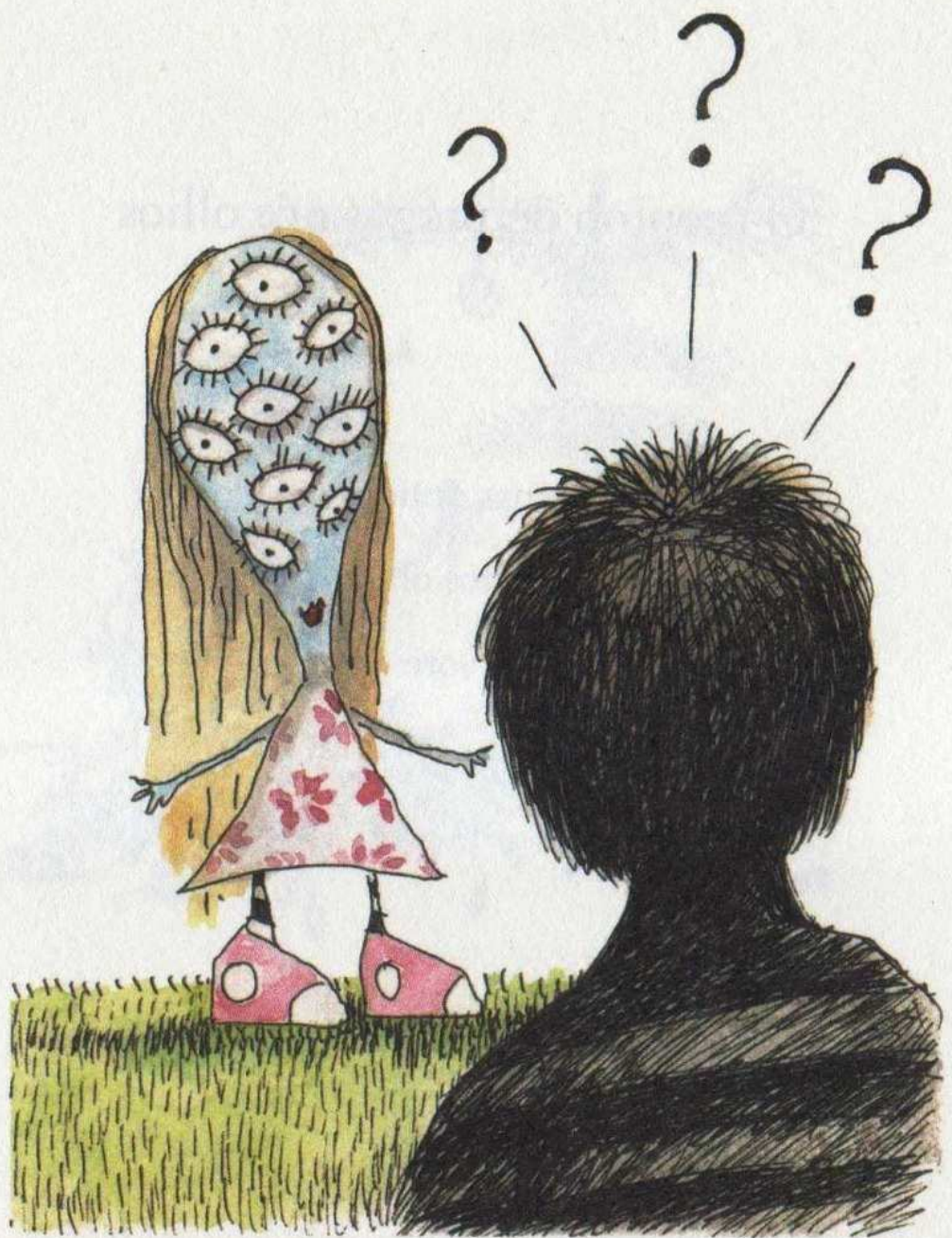


Ela deu finalmente às suas vistas
Umás férias mais que merecidas.



O menino de pregos nos olhos

Os problemas ópticos devidos
Aos dois pregos nos olhos do menino
Fizeram sua árvore de alumínio
Ficar meio fora do figurino.



A menina de muitos olhos

Dia desses no parque
Vi uma moça de raro encanto.
Tinha tantos, tantos olhos
Que, confesso, fiquei meio tonto.

A sua beleza não era pouca
(Aliás, que tremenda gatinha!),
Quando notei que tinha boca,
Engatamos uma conversinha.

Falamos sobre ecologia,
Sobre suas aulas de poesia,
Sobre os óculos que usaria
Se um dia tivesse miopia.

Mas, de tudo, o que eu mais adoro
É seu olhar diversificado.
Se entretanto ela cai no choro,
Não tem quem não fique molhado.

Menino Mancha

De todos os grandes super-heróis,
Ele é muito, muito diferente:
Faltam-lhe poderes especiais
E mesmo um carro superpotente.

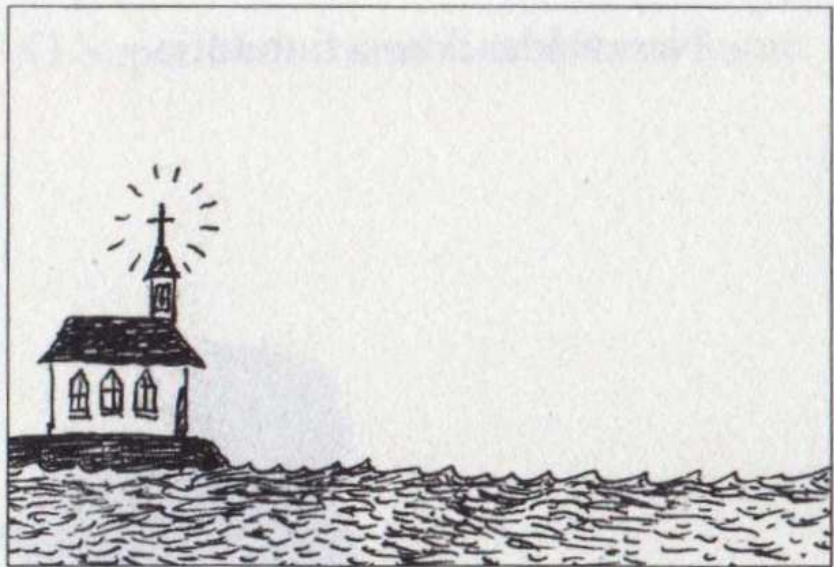
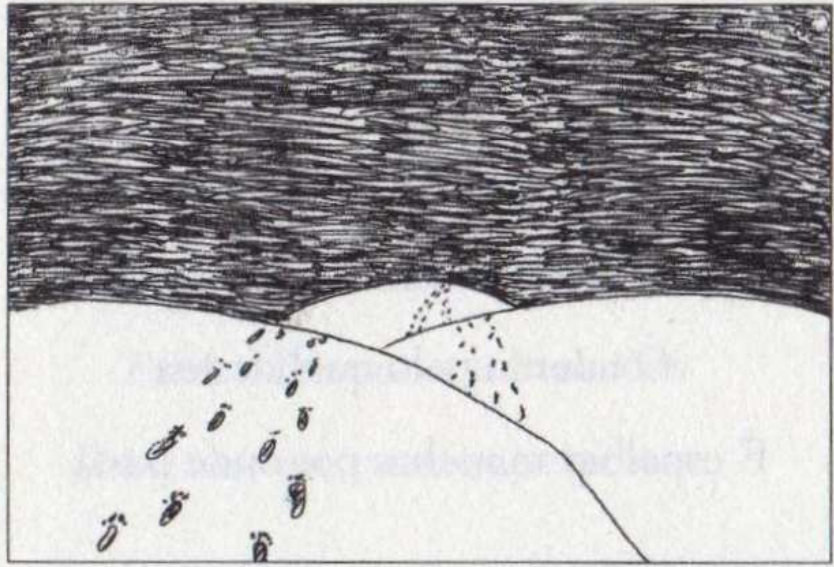
Ele não tem a valentia do Batman
E nem a coragem do Super-Homem.
Mas quem o conhece, vira seu fã:
O Super Man... cha! Este é o seu nome.

Por sobre arranha-céus ele não voa,
Nem é tão veloz como um trem-bala.

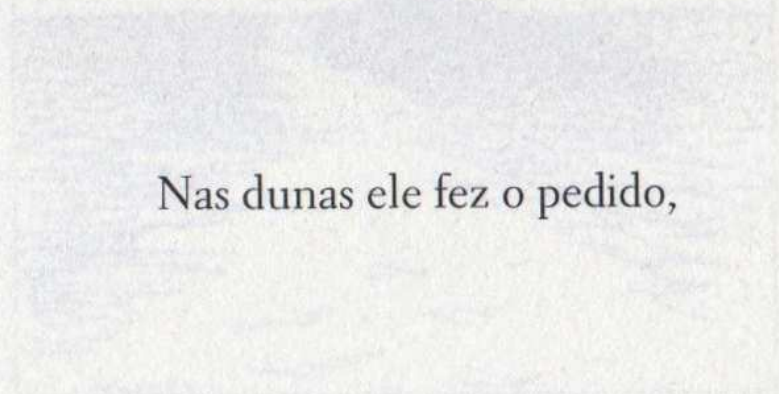
O talento pelo qual destoa
É espalhar manchas por onde passa.

Não poder correr, nadar ou voar
É algo que às vezes o contraria,
Assim como o primeiro lugar
Nas dívidas com a tinturaria.

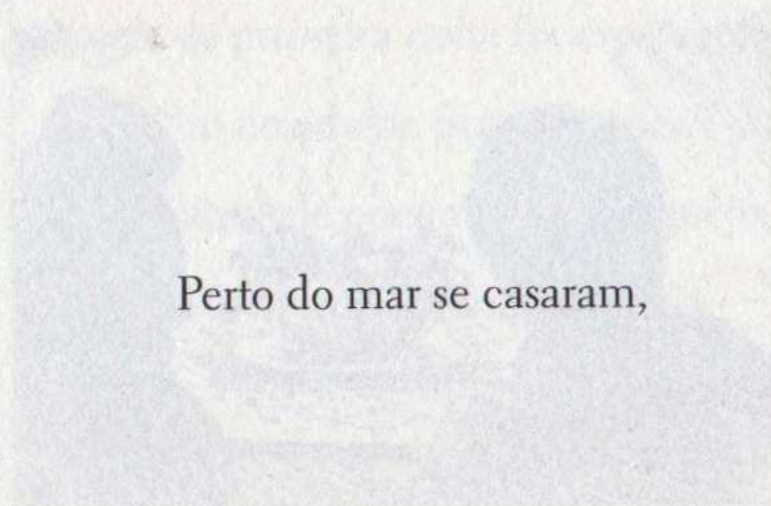




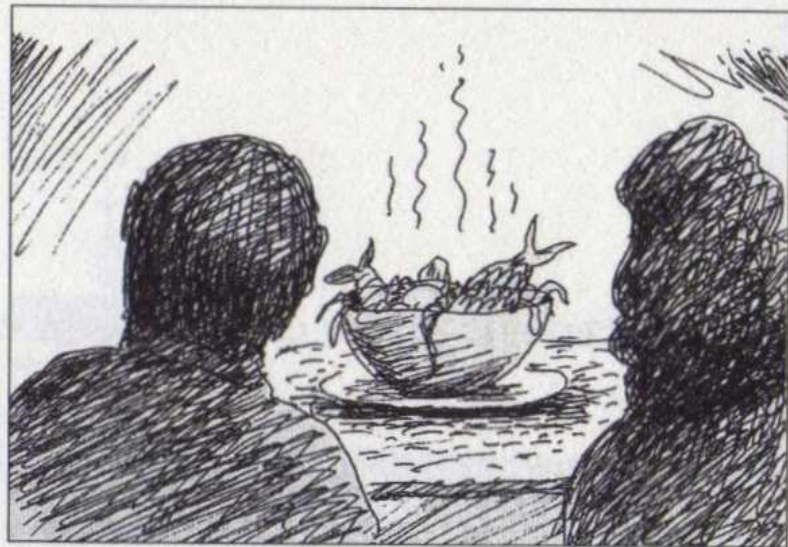
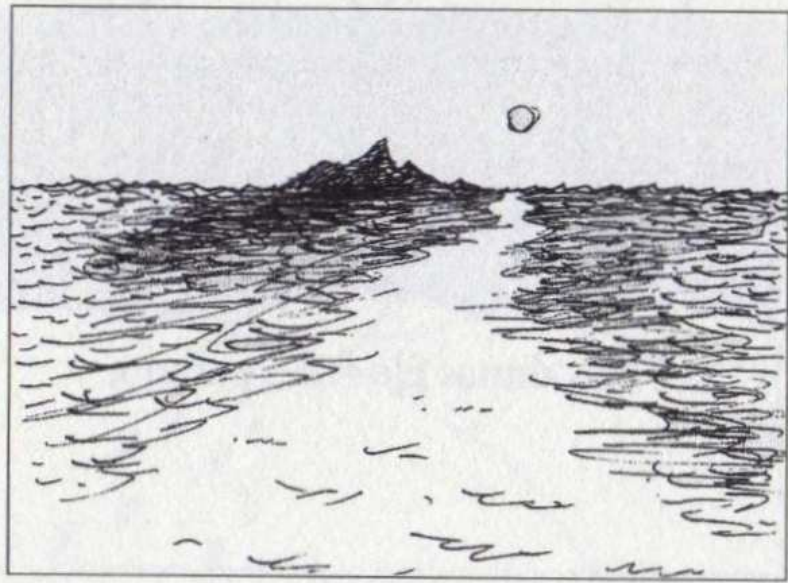
O triste fim
do pequeno Menino Ostra



Nas dunas ele fez o pedido,



Perto do mar se casaram,



Nove dias de lua-de-mel
Na ilha de Capri passaram.

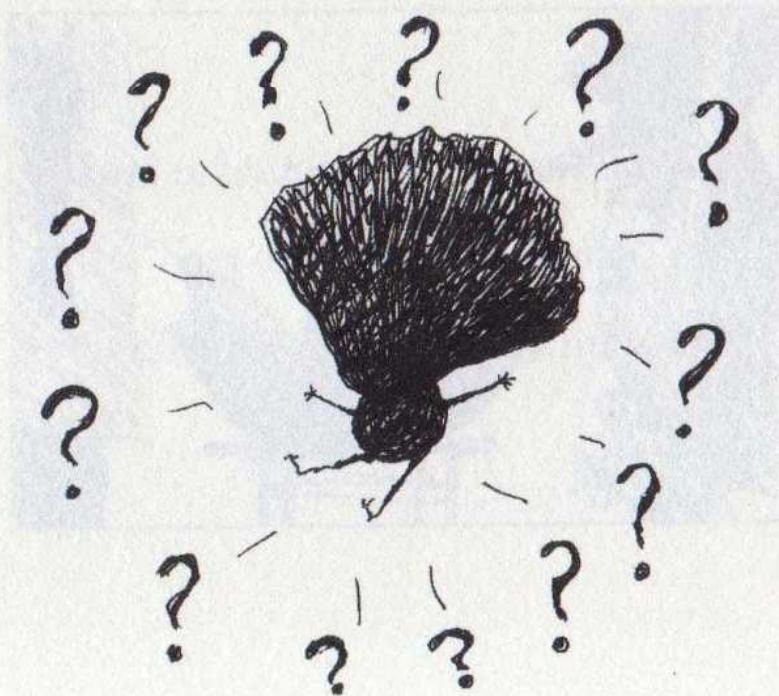
4

A ceia da primeira noite foi espetacular:
Um cozido de frutos do mar.
Enquanto ele comia um caranguejo,
Ela ia alimentando um desejo.

E o desejo virou realidade — ela teve
um bebê.

Mas era humano, o menino?

Bem, bem... isso não se sabe.



Das mãos, dos pés, os dedos eram dez,

Tinha tubos, tinha olhos,

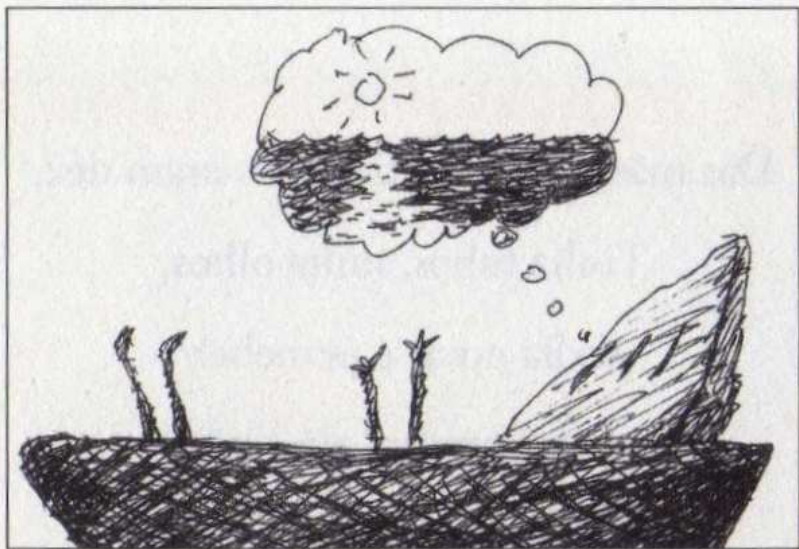
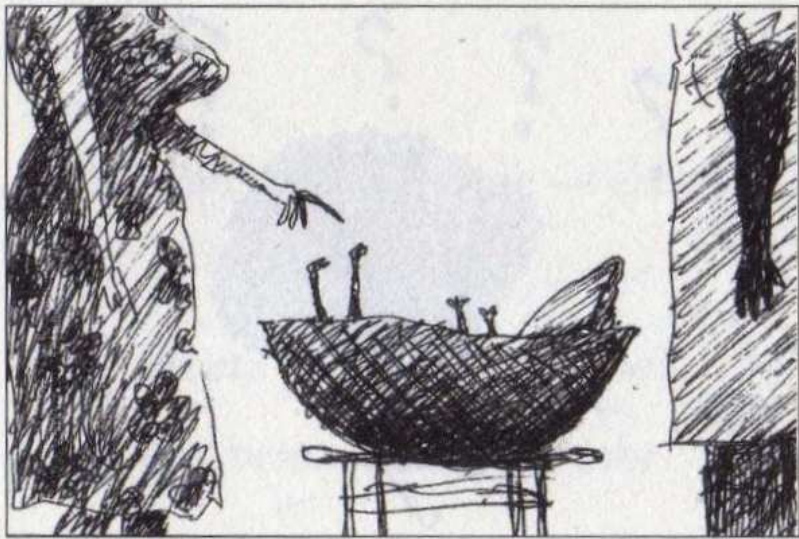
Podia ouvir e perceber.

Mas normal ele era?

Isso já não dá pra dizer.

Para os pais, uma praga, um desespero:

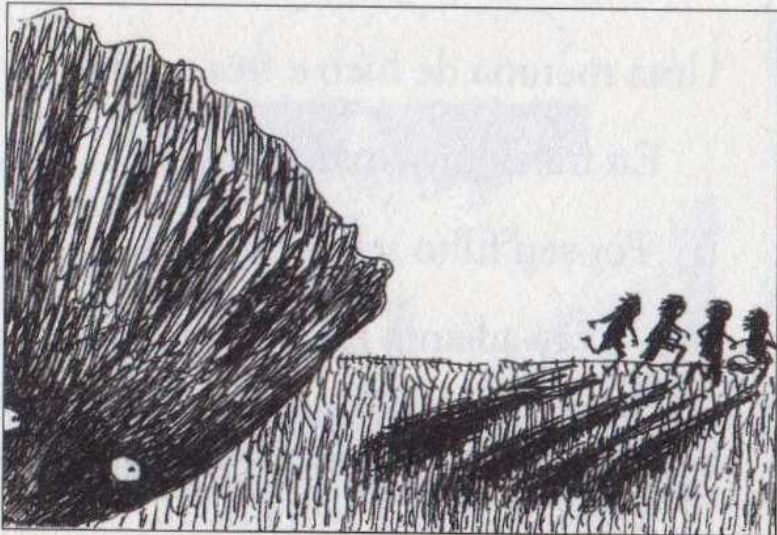
O começo de todos os pesadelos.



Com o doutor a mãe foi se queixar:
“Essa criança não é minha,
Pois cheira a oceano e alga marinha.”

45

“Minha senhora, isso não é nada!
Uma menina de bico e três orelhas
Eu tratei na semana passada.
Por seu filho ser meio ostra,
Não adianta me culpar.
Quem sabe fosse o caso de comprar
Uma casinha à beira-mar...”



Sem saber que nome lhe dariam,
Chamavam-no apenas de Francisco,
Ou por pura e simples antipatia:
“Aquilo que parece um marisco.”

Mas da concha o Menino Ostra não sairia?
Era o que todos se perguntavam, dia após dia.

47

Já os quadrigêmeos Quadros, espiavam.
Gritavam “Um bivalve!”, e se mandavam.

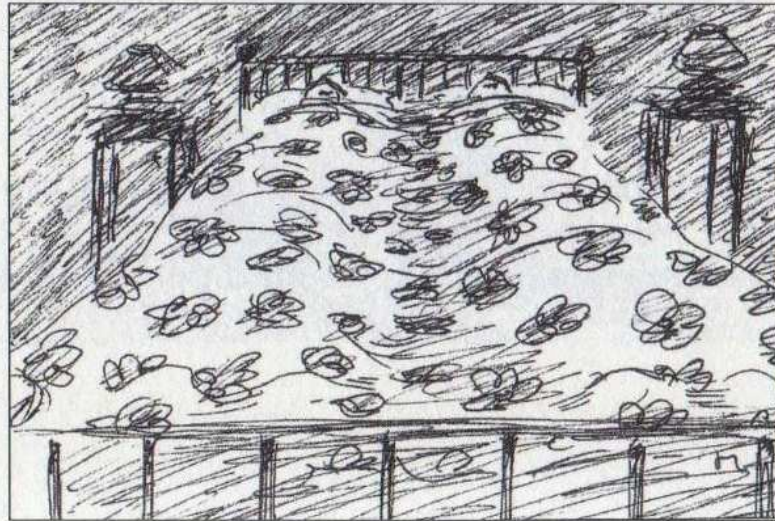


Numa tarde de verão

Chico foi esquecido sob um aguaceiro
Na avenida Oceano, ao lado do canteiro.
Ele lá ficou, observando os redemoinhos
Da água da chuva escorrendo pelo bueiro.

49

Enquanto isso a mãe, parada
Na beira duma auto-estrada,
Dava murros no volante.
Era grande a sua aflição,
A dor cada vez mais forte
De toda a sua frustração.



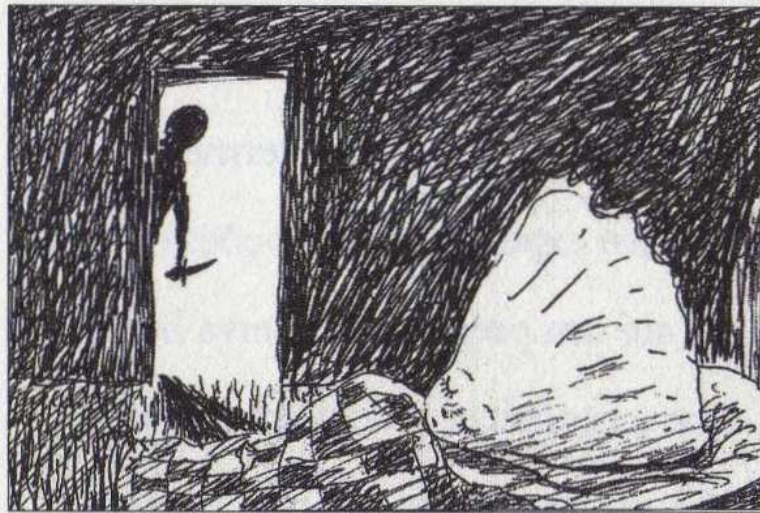
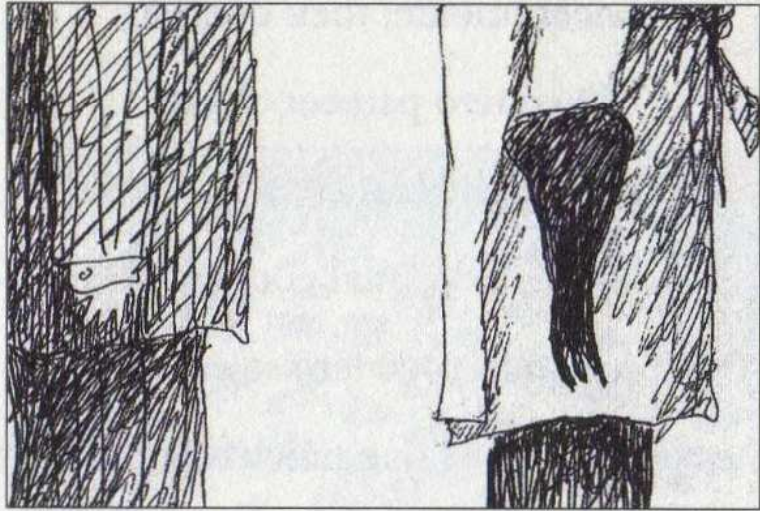
“Sinceramente, meu querido,
Não quero parecer chata,
Mas alguma coisa nessa história
Anda muito mal contada.

Noto o quanto você tem se esforçado,
É mesmo admirável que não tenha desistido,
Mas não venha me dizer que seus problemas
na cama

São todos culpa do Francisco.”

51

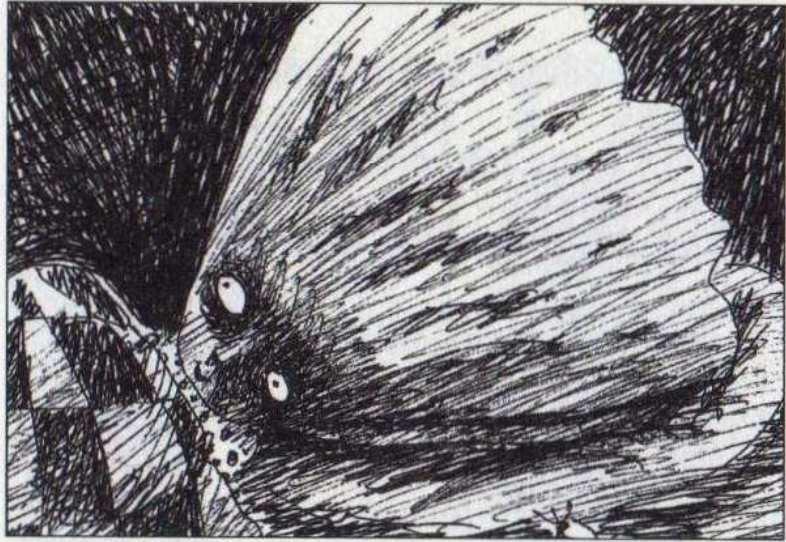
O pai passou pomadas, tentou unguentos,
Que fizeram tudo ficar vermelhento.
Também experimentou poções e loções
E até um preparado de erva brava.
Mas as coceiras, a dor, as contrações,
Os sangramentos só aumentavam.



O médico fez uma conjectura:
“A fonte não é de todo segura
Mas seu distúrbio pode ter cura.
Está quase provado: comer ostras
Propicia um desempenho sexual extra.
Talvez, devorar seu filho
Ajude a durar por horas e horas.”

53

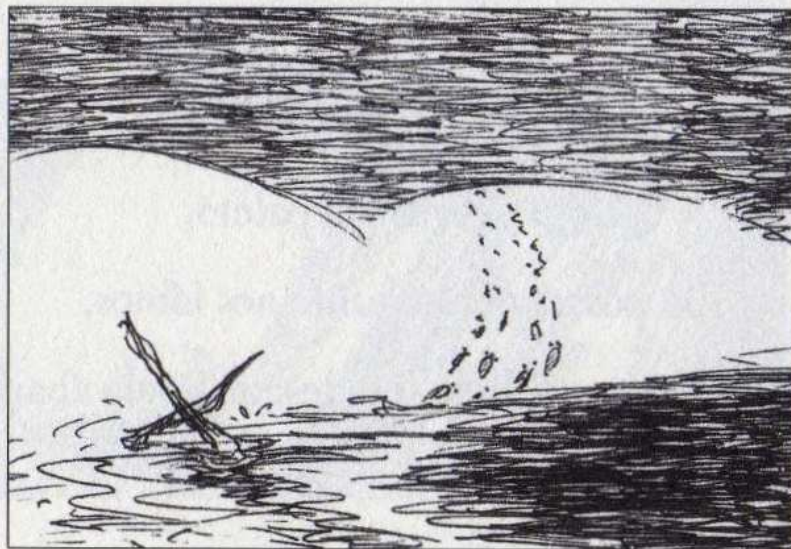
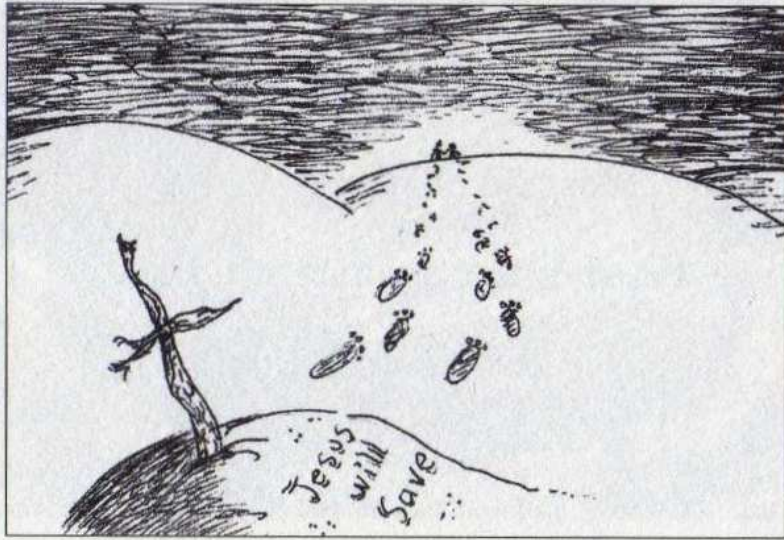
No quarto em que dormia Francisco
Ele foi entrando bem de mansinho.
A testa era só suor.
A mentira, ele sabia de cor.
“Você é feliz, filhinho meu?
Você já quis visitar o céu
Ou então ir pro Beleléu?”



Francisco deu duas piscadas
Mas não disse nem um ó.
Papai então, apalpando a faca,
Da gravata desfez o nó.

55

Foi um só golpe, um golpe só.
Com sangue no paletó,
Ele pôs a concha junto aos lábios,
E foi assim que Chico lhe desceu goela abaixo.



Rápido, lhe enterraram os restos perto do mar.

Choraram uma horinha,

Rezaram uma rezinha,

E bem rápido voltaram para o lar.

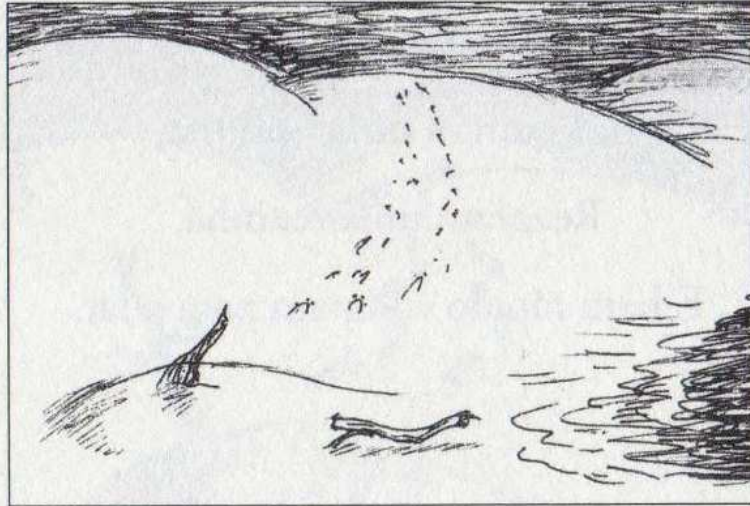
Uma cruz de galhos cinzas fincaram no local.

Escreveram na areia: “Jesus salvará”.

57

Mas a primeira onda mais forte arrastou

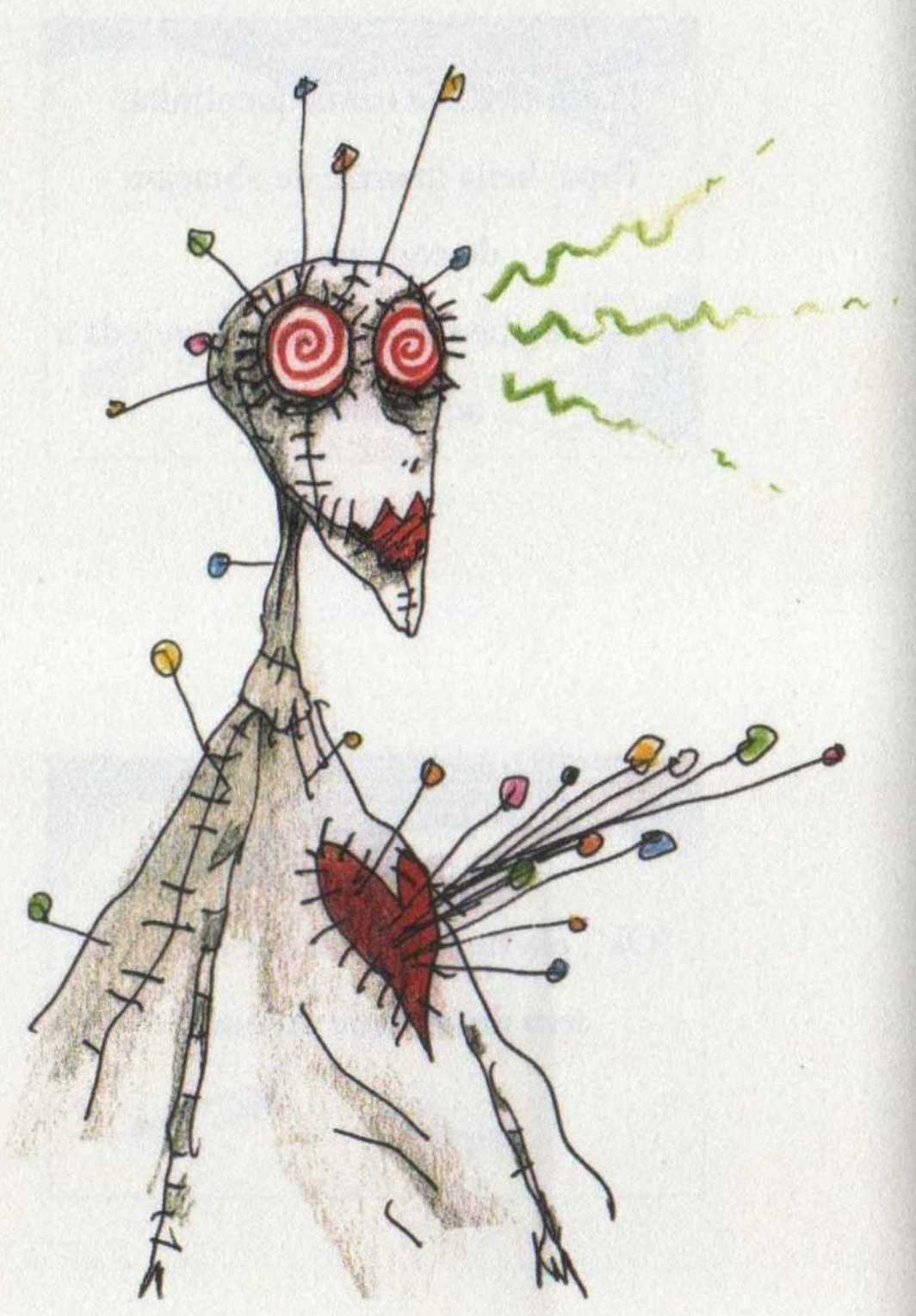
Sua lembrança para o fundo do mar.



Já em casa, na cama quentinha,
Papai beija mamãe, se abraçam
de conchinha:

“Vem, meu bem, hoje estou com toda a
adrenalina!”

“Ok”, ela sussurra, “só que desta vez
tem de ser uma menina.”

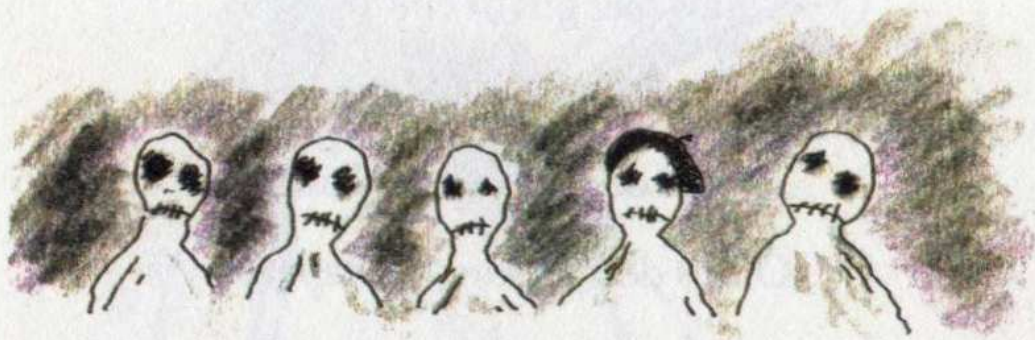


Garota Vodú

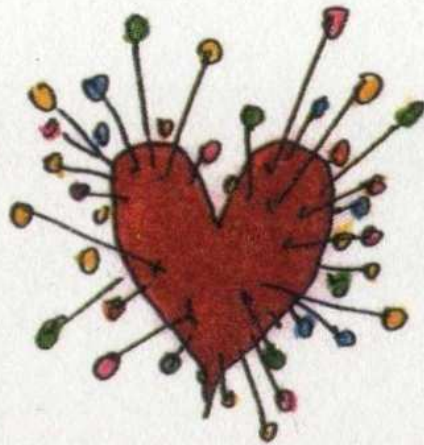
Sua pele é de um claro tecido,
Todo costurado e refeito.
Muitos alfinetes coloridos
Despontam-lhe à altura do peito.

Olhos que giram como discos,
Ela possui dois belos pares.
Olhos de poderes hipnóticos:
Olhos de apaixonar os rapazes.

Rapazes que coloca em transe,
Como verdadeiros zumbis.
É o caso de um zumbi francês,
Que depois só dizia: “*Oui, oui*”.



Mas ela também tem uma sina
Que jamais pode ser quebrada:
Se alguém dela se aproxima
Seu coração sente as espetadas.





O Natal especial do Menino Mancha

Olha, olha!

O uniforme novinho em folha

Que o Super-Mancha ganhou de presente.



Olha, olha!
Não passou nem uma hora,



E as velhas manchas de gordura
Já começam a se formar novamente!



A menina que virou cama

No dia em que tudo aquilo aconteceu
Ela havia colhido estranhos ramos de salgueiro.

Sua cabeça branqueou, inchou, cresceu,
E se transformou num macio travesseiro.

Sua pele, que se guarneceu por dentro
De estopa e de flocos muito grosseiros,
Ganhou revestimento de um tecido
De algodão cem por cento.

Enquanto isso ela batia pernas e braços,
Num movimento de avião que decola.

E o resultado de tão grande esforço
Foi um belíssimo colchão de molas.



Tudo foi tão terrivelmente estranho
Que comecei a chorar, não teve jeito.
Mas por fim compreendi
Como é bom dormir em tão confortável leito.





Breno, o Menino Veneno

Para aqueles que o conheciam

— os seus amigos —

Seu nome era Breno.

Para os outros, ele era

O horrível Menino Veneno.

73

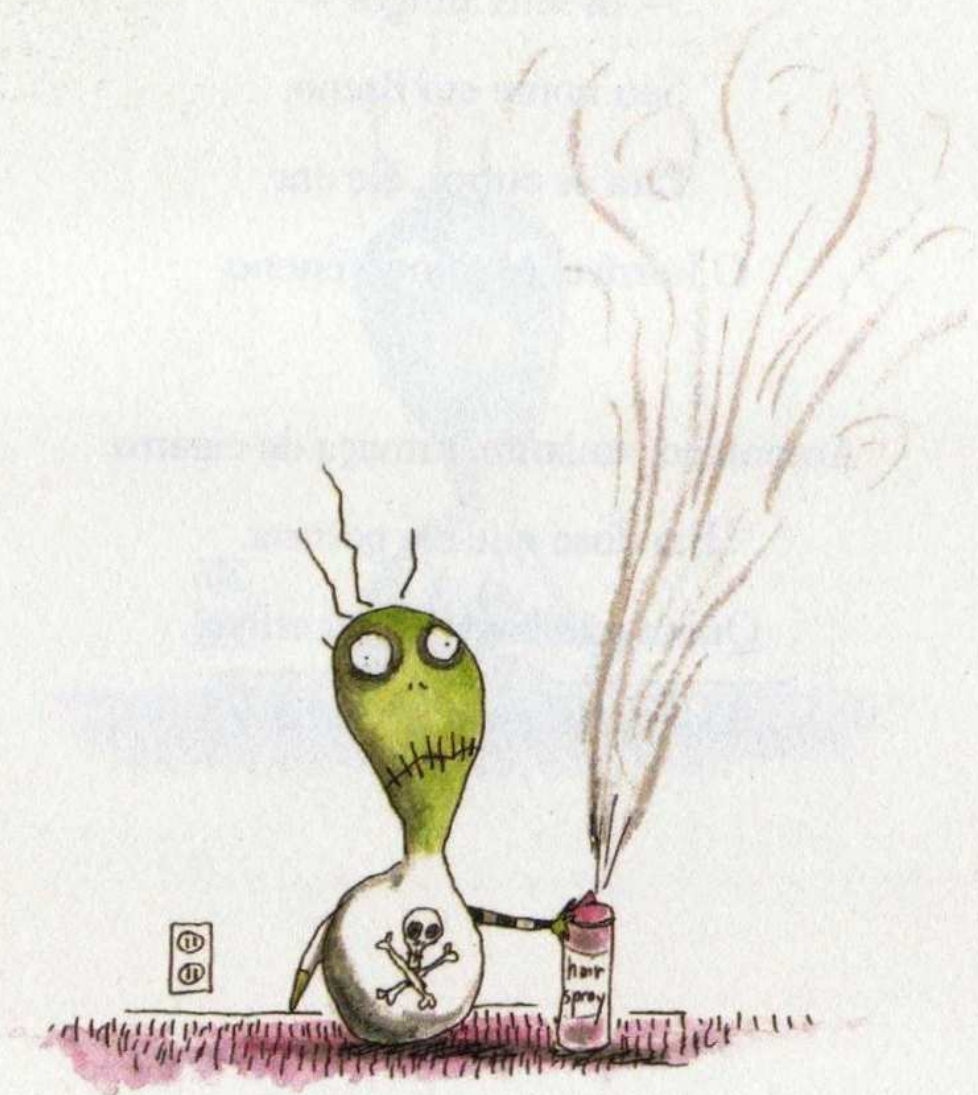
Amoníaco, amianto, fumaça de cigarro:

Era disso que ele gostava.

Quem não havia de ter asfixia

Com o ar que ele respirava?

Seu brinquedinho favorito
Era uma bomba de aerosol.
Ficava sentadinho, dedo no spray,
De manhã ao pôr do sol.





Nas frias manhãs de inverno
Ele se plantava na garagem bem cedo,
Esperando a partida do motor
E a fumaça do escapamento.

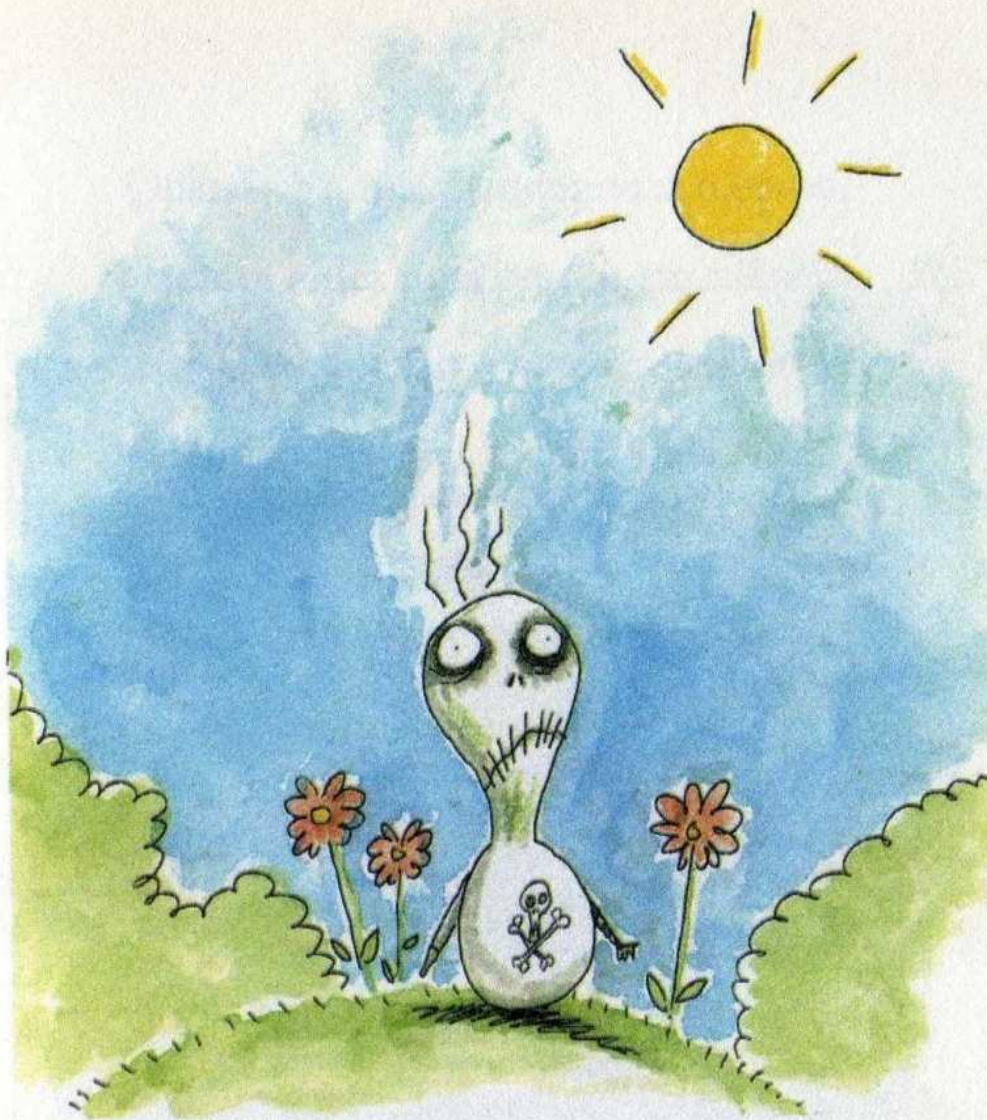
Houve apenas uma única vez

Em que o vi aos prantos.

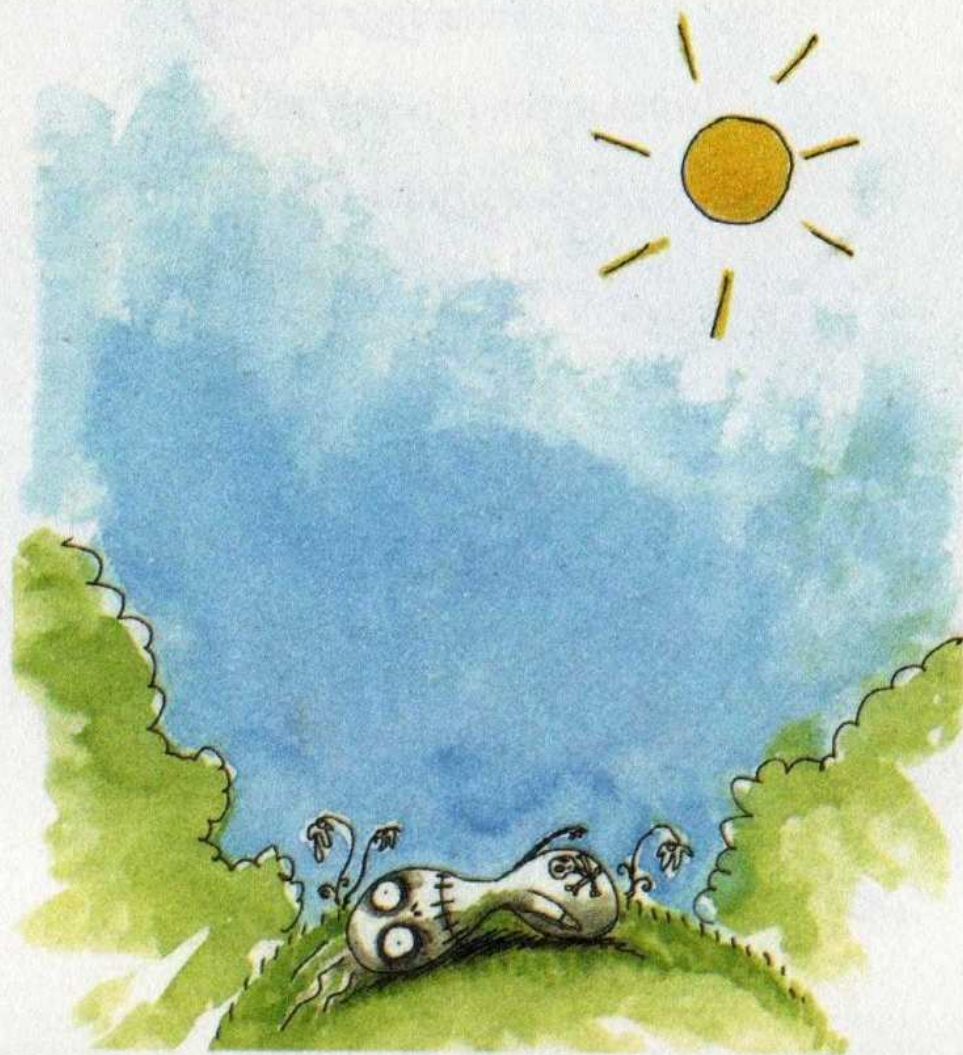
Foi quando pingaram

Colírio em seus olhos.



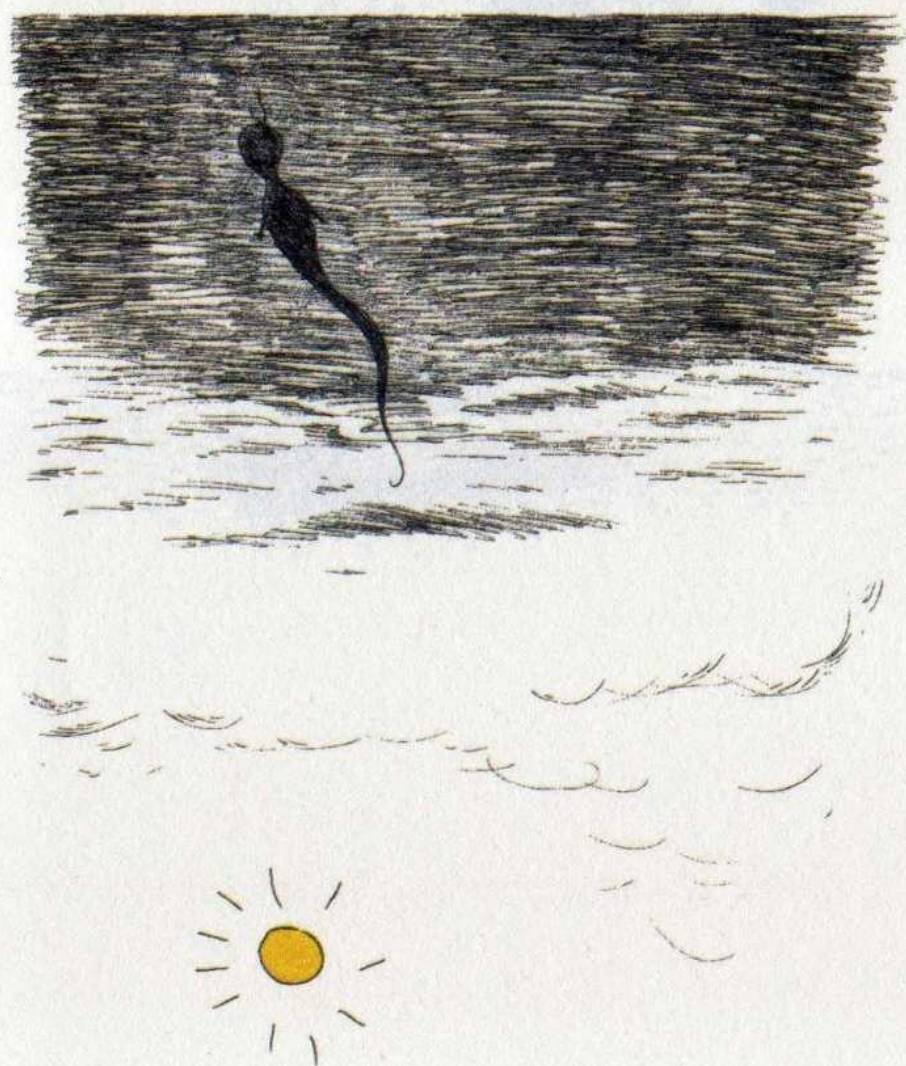


Um dia o puseram no jardim
Para tomar ar fresco.
Seu rosto ficou mortalmente pálido,
E seu corpo, duro e seco.



De sua curta vida, o último suspiro
Foi pra ele o cúmulo do desespero.
Quem imaginaria que o instante derradeiro
Pudesse vir de uma rajada de puro ar?

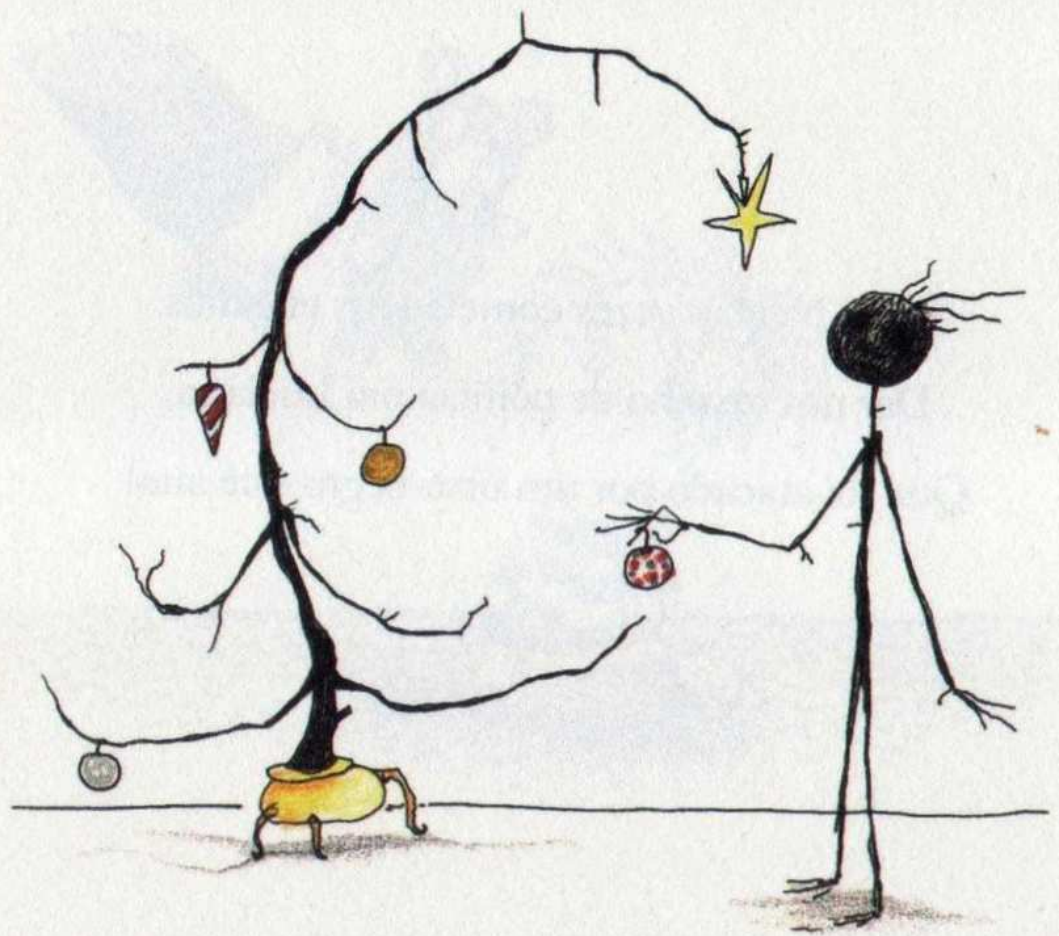
Quando a alma abandonou seu corpo,
Fizemos todos uma oração em silêncio.
Foi então que lá no alto céu apareceu
Um buraco na camada de ozônio.





Luciano

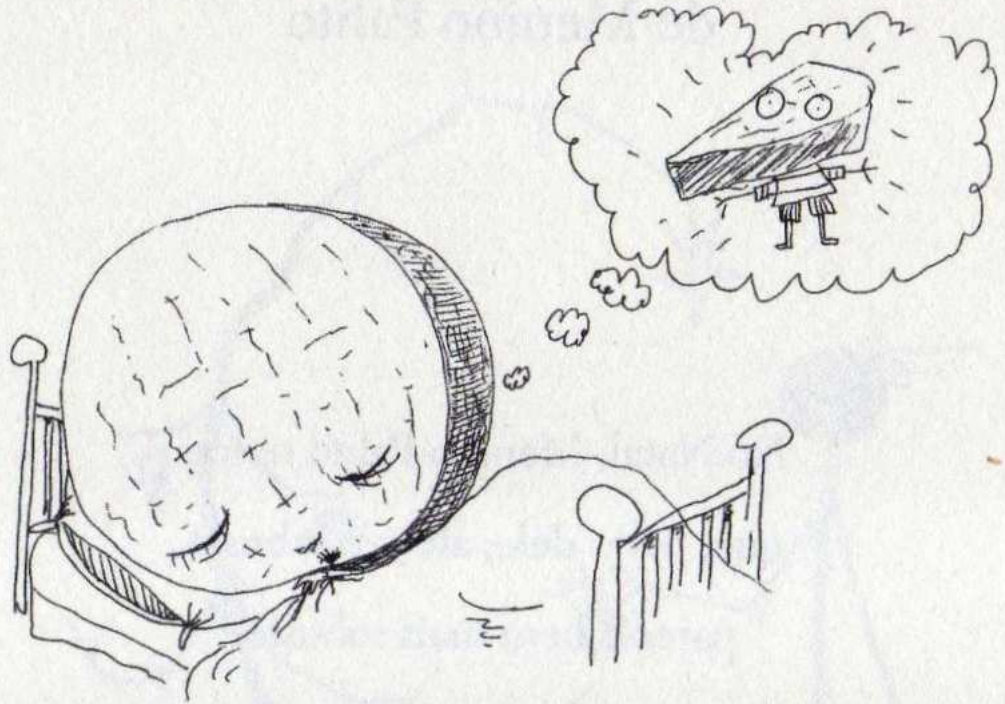
Papai Noel às vezes comete seus enganos:
Dar um ursinho de pelúcia pra Luciano,
Que foi atacado por um urso-negro este ano!



As festas de fim de ano do Menino Palito

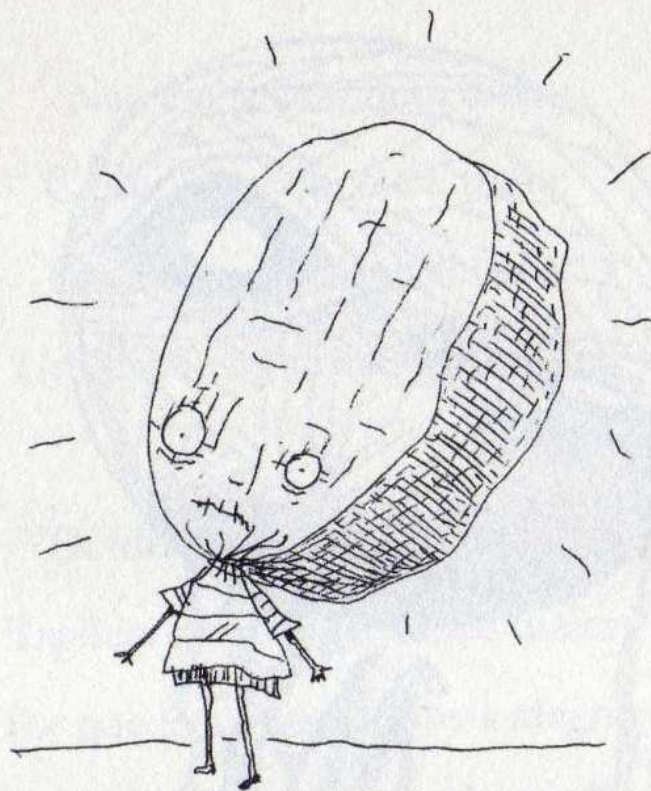
No Natal, Menino Palito notou
que, perto dele, até seu arbusto
parecia bem mais robusto.

O Menino Brie

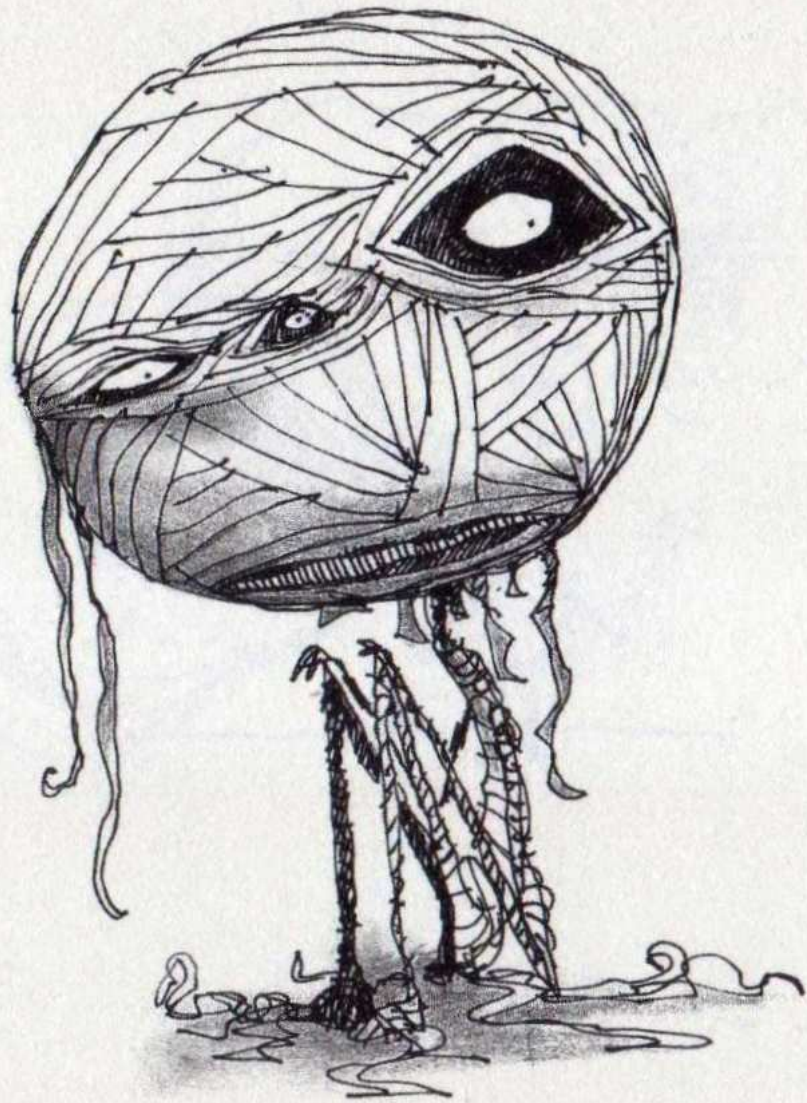


Menino Brie tinha às vezes um sonho-profecia:

De seu rosto inteiro só iria restar uma fatia.



Para os meninos aquilo não fazia lé com cré.
Foi assim que Brie se deu bem com o vinho
Chardonnay.



O Menino Múmia

Não era rosado nem fofo.
Carne, tampouco ele tinha;
Era duro e, por dentro, oco:
Um bebê em forma de múmia!

“Doutor, o senhor nos poderia
Explicar a causa de nossos males:
Por que é que toda a nossa alegria
Acabou num punhado de gaze?”

“Quer para o bem, quer para o mal,
O diagnóstico será um só.
O seu filho guarda sinal
Da Maldição do Faraó.”

De noite usaram toda a lógica
Para explicar tal nascimento.
A criança podia ser “excremento
De alguma expedição arqueológica”.

Buscaram uma complexa explicação
Científica daquela anomalia.
Mas concluíram que a reencarnação
Seria naquele caso a melhor teoria.

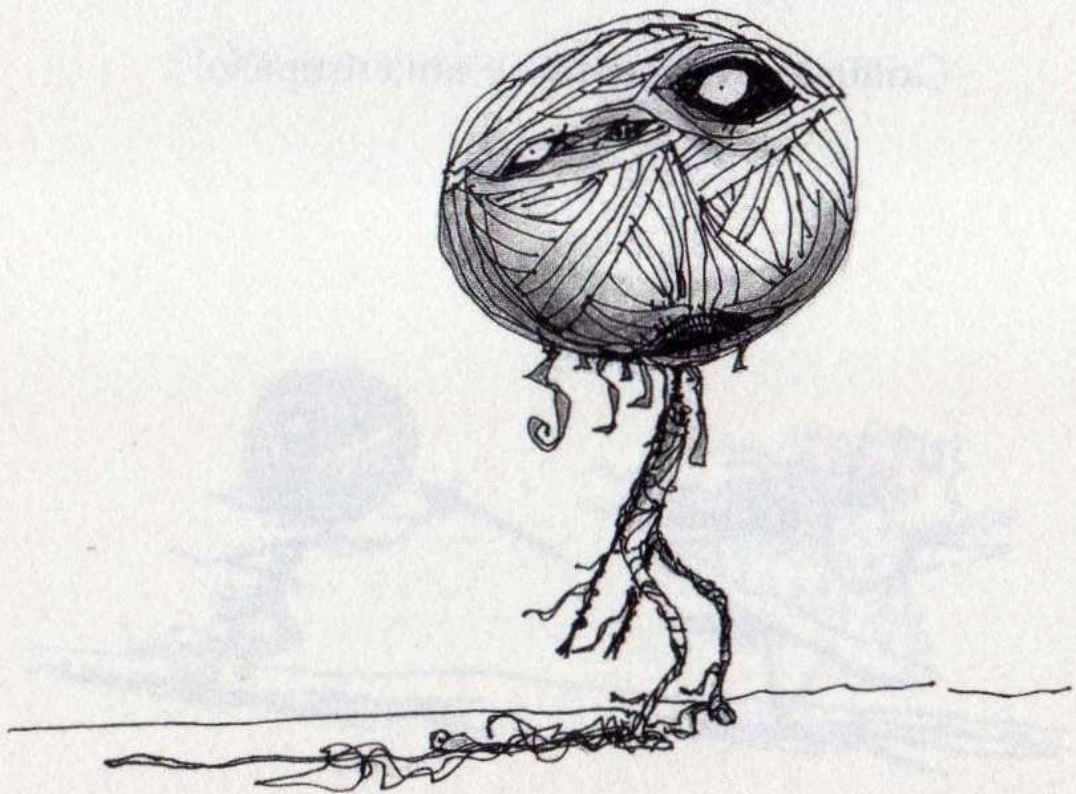
Quando ele começava sua brincadeira,
“As virgens imoladas em sacrifício”,
As crianças desabalavam numa carreira,
Gritando: “Esse garoto é um estúpido!”.



Sozinho e rejeitado, Menino Múmia

Chorava e ia à despensa

Onde se guardavam as iguarias.

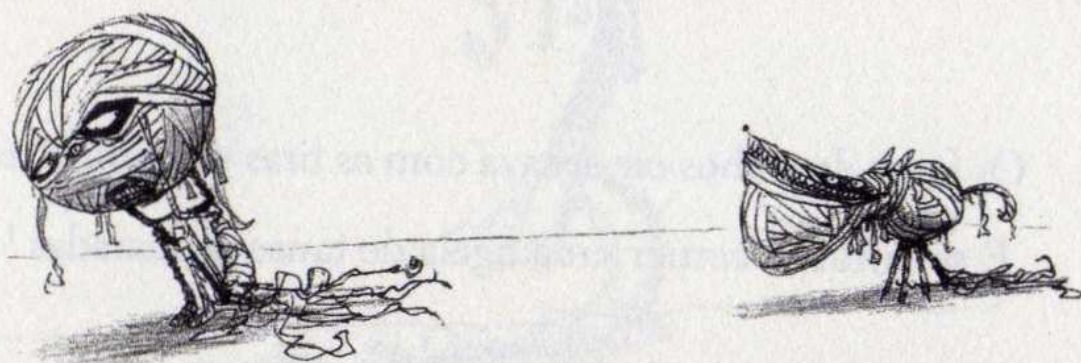




Os furos dos olhos ele secava com as tiras mumificadas
E se punha a comer uma tigela de tanas açucaradas.¹

1. Na mitologia egípcia, as folhas de tana serviam para ressuscitar os mortos. O caso mais célebre é o de Kharis, que foi embalsamado vivo por tentar roubar folhas de tana do templo de Ísis para ressuscitar sua amada, Ananka. [N.T.]

Era um dia muito triste e soturno.
De repente surgiu da neblina
Uma pequena múmia canina,
Farejando à procura de um dono.

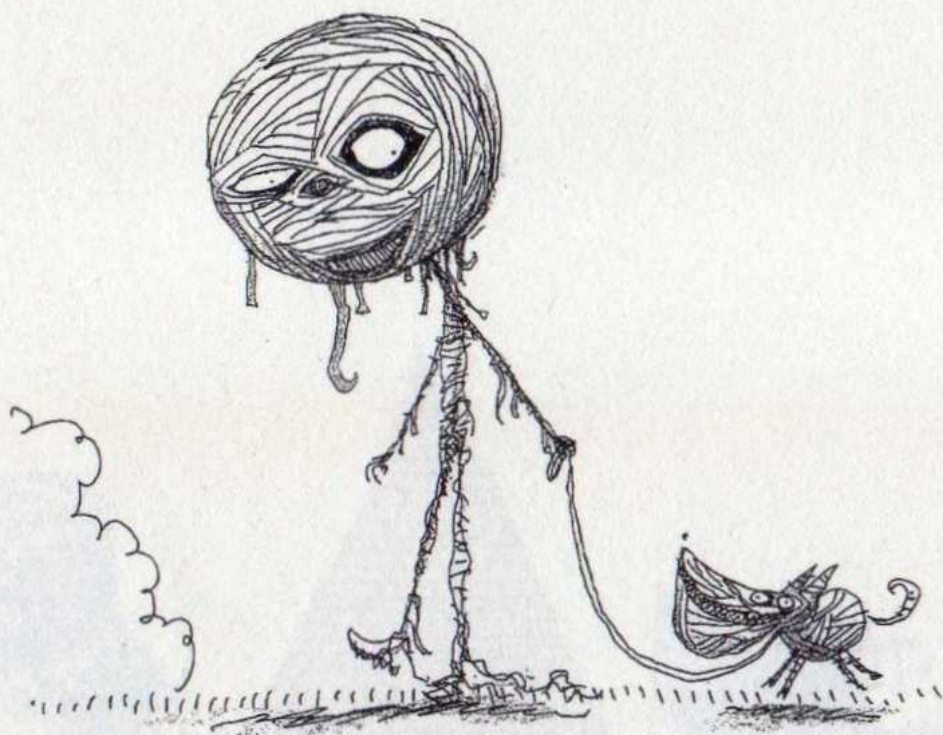


Para seu novo cão de trapo
Ele fez coisas de todo tipo.
Construiu a sua casinha, por exemplo,
Igual às pirâmides do Egito.

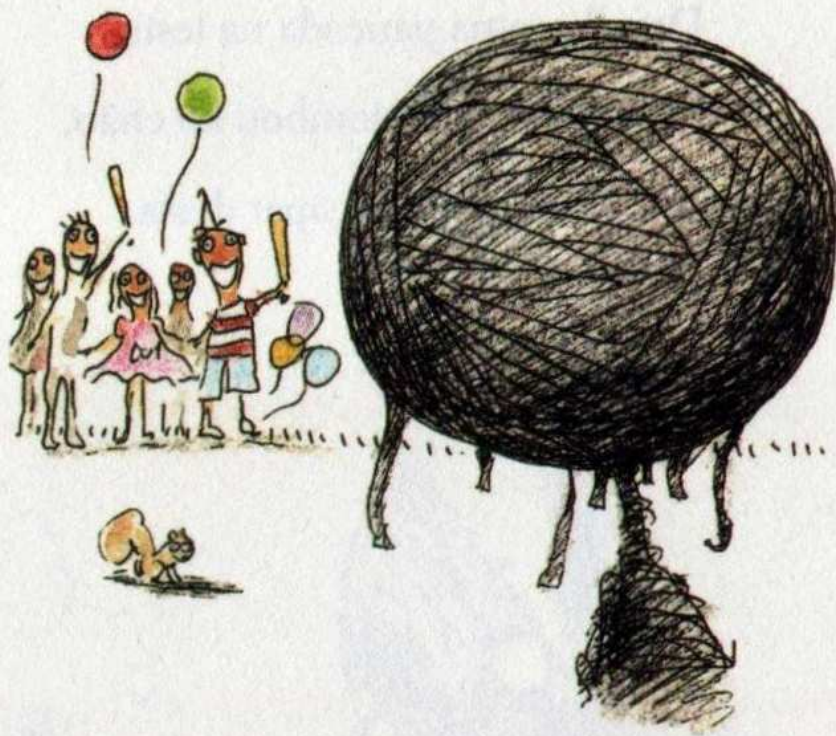


Um certo dia, já era quase o cair da tarde —

Ele levou seu cão para passear no parque.



O parque estava vazio,
Menos por um pequeno esquilo
E a festa de aniversário
De uma menina do México.

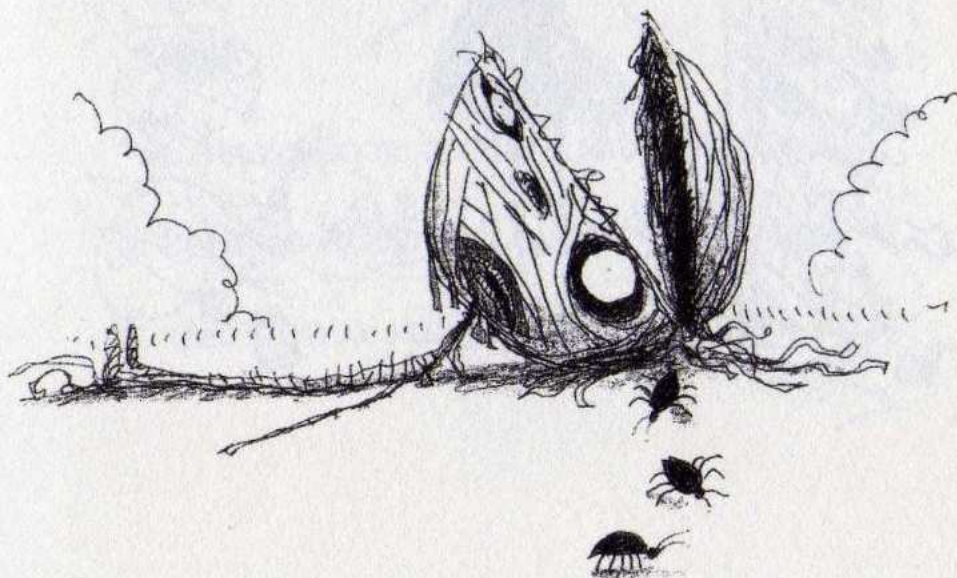


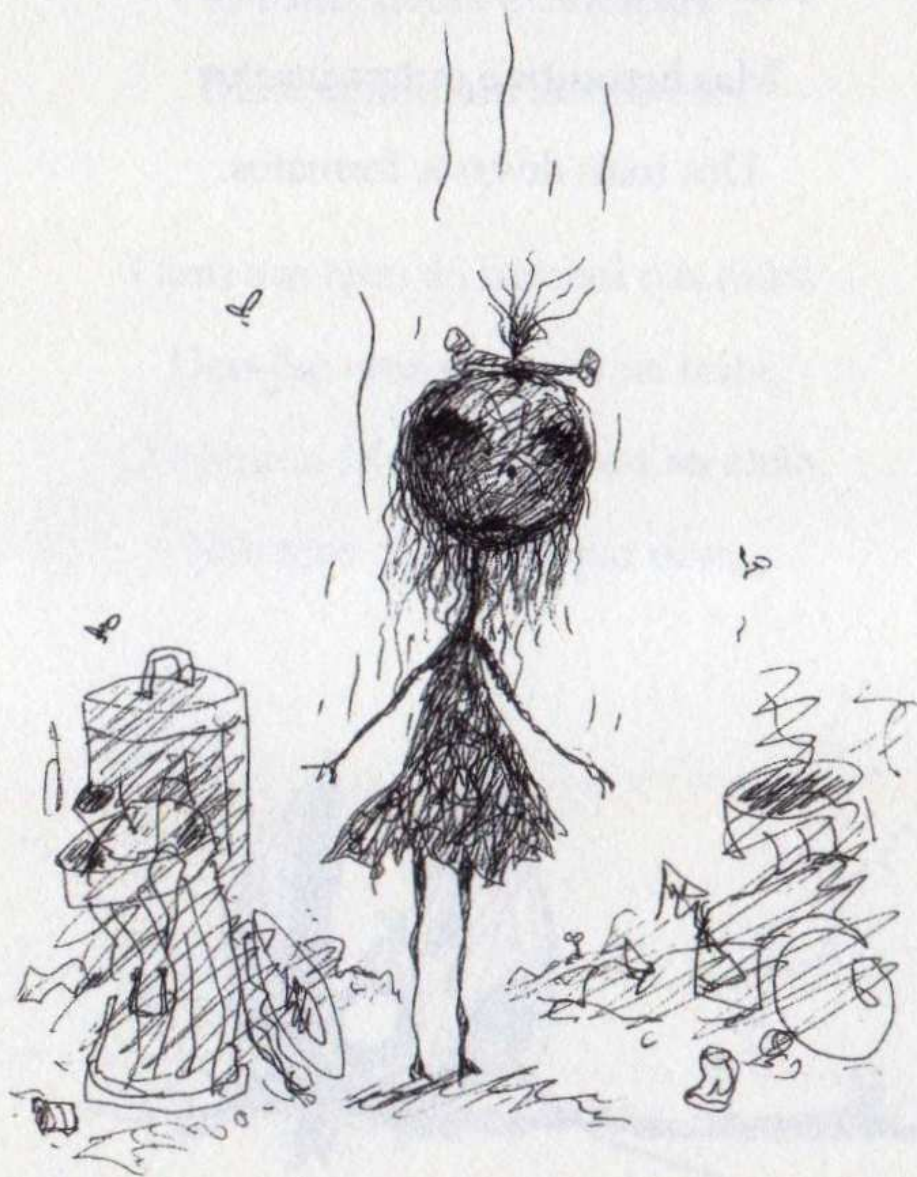
A molecada já estava no maior fuzuê,
Quando notaram aquele rolo de papel machê.

“É uma caixinha de surpresas!
Vamos quebrá-la pra pegar
As balas, doces e chicletes!”,
Disse rápido um dos pivetes.

Com um taco de basebol nas mãos
Deu-lhe uma pancada na testa,
O Menino Múmia tombou ao chão,
Não teve como escapar desta.

Contudo, do crânio partido
Não saíram doces nem biscoitos,
Mas besouros e outros insetos
Dos mais diversos formatos.





A Menina Trash

Dela ninguém se esquecerá:

A cara suja de carvão,

A pele de puro cascão,

E uma catinga de gambá.

66

Talvez não seja difícil saber a resposta

Por que Menina Trash vivia tão triste:

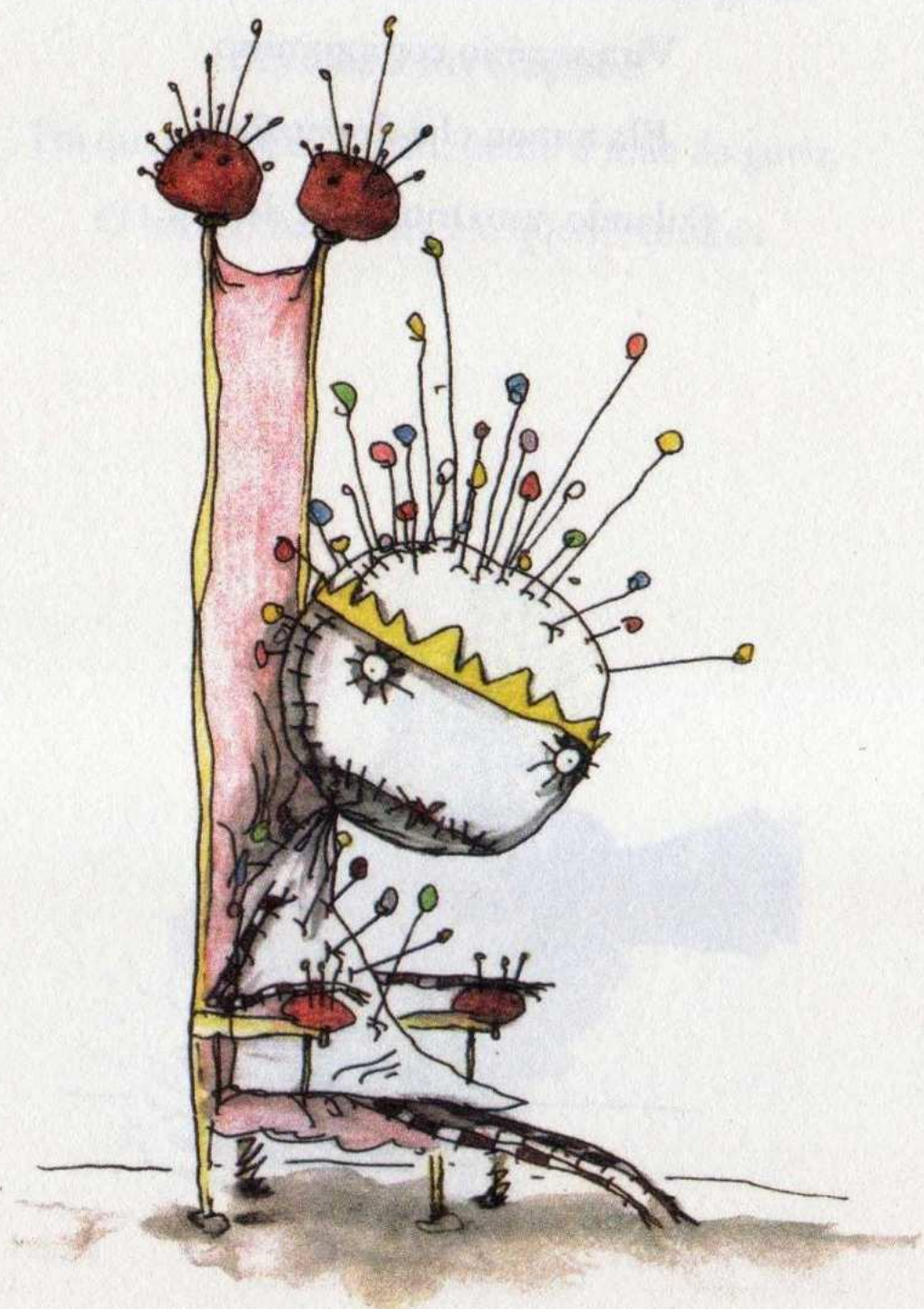
É que nunca saía do fundo de uma fossa.

Houve um único breve momento de glória
Em toda a sua biografia:
Foi quando Stan, o gari, pediu a mão da guria.
O lixo do bairro era ele quem recolhia.



Entretanto antes que o consórcio
Virasse sério compromisso,
Ela tomou chá-de-sumiço,
Pulando num triturador de lixo.



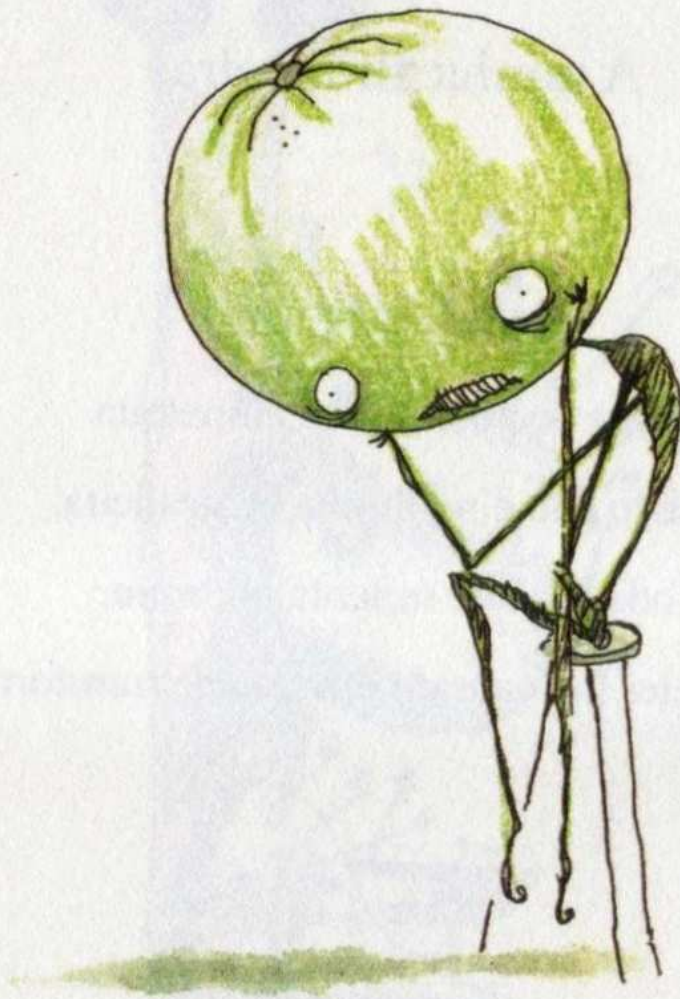


A rainha alfineteira

A vida de uma rainha alfineteira
De fato não é nenhuma brincadeira.

Toda vez que se senta no trono,
Os alfinetes lhe causam um grande transtorno.

O melão melancólico



Era uma vez um melão melancólico.
Passava o dia inteiro macambúzio,
Querendo a hora do próprio velório.



Ora, cuidado com os teus pedidos!
Pois o dele foi de pronto atendido.
O último som que entrou em seus ouvidos
Foi o “ploft” em que acabou dissolvido.

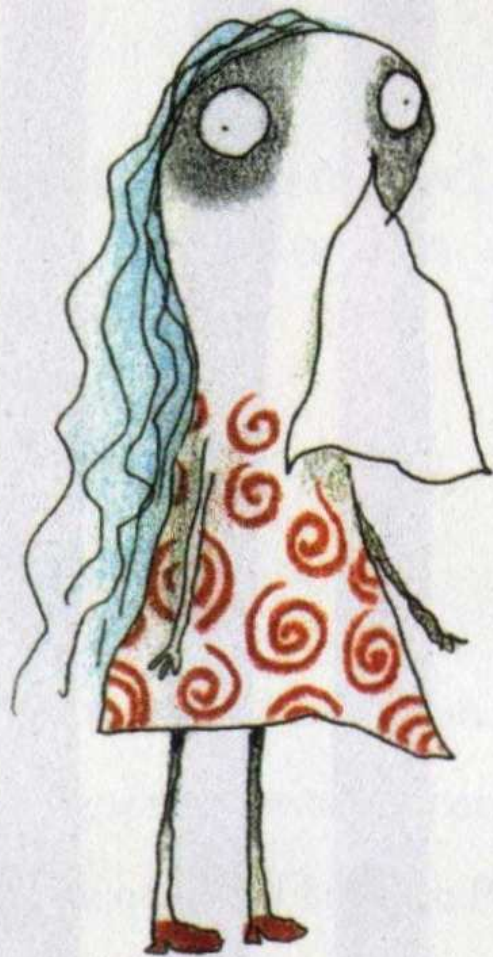


Chega, Lola, chega!

Para evitar problemas com a lei,
Vamos chamá-la aqui de Lola
(ou a tal que gostava de cheirar potes
e potes de cola).

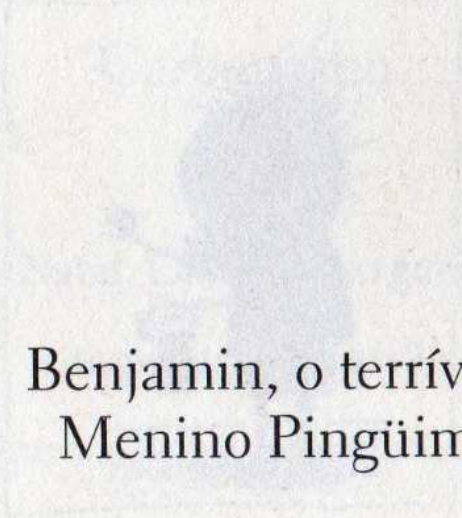


Desde o início não me faltaram indícios
De que ela tinha mesmo aquele vício.



Pois quando assoava o nariz
Os lencinhos grudavam na pobre infeliz.





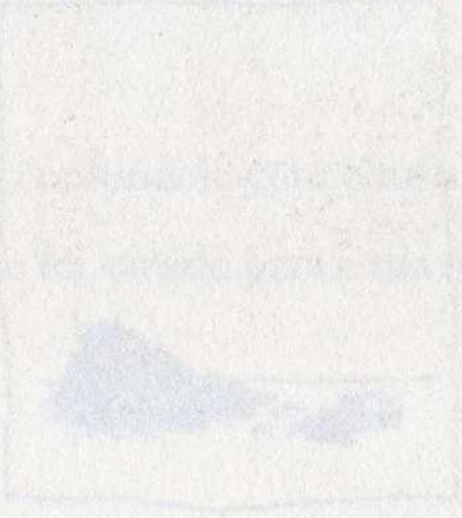
Benjamin, o terrível
Menino Pingüim

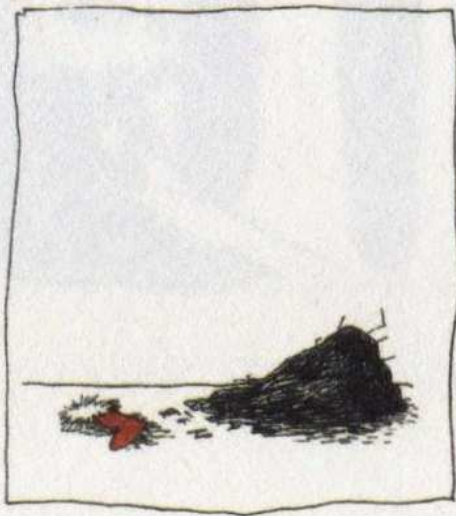
Olá, meu nome é Benjamin.

III

Mas meus amigos não me conhecem assim.

Para eles, eu sou o terrível Menino Pingüim.





Carboninho

No Natal, Carboninho ganhava
um pedaço de carvão
Que o deixava bem contente.

No Natal, em vez de ficar contente
com o pedaço de carvão,
Deram-lhe um pequeno presente,
Que o confundiu profundamente.

No Natal, confundido com cinzas de outrora
Carboninho foi varrido para a rua sem demora.



O Bebê Âncora

Era uma moça muito linda,

Uma diva vinda do mar.

Só havia no mundo um lugar

Em que ela desejava estar:

Era com Walker. O cara

Era uma fera na guitarra,

E com ele ela iria para

Qualquer lugar na Terra.

Iria até o fim do mundo!

Ela faria de tudo,

Trocaria o próprio oceano

Para ficar com o fulano.

Porém nas suas vidas .

Nada dava liga.

Ela o seguia pelas noitadas,

Para acabar só e rejeitada.

Entrava numas de “a vida é bela”,

Mas tudo virava chata novela.

Como o mapa astral deles não batia,

Ela tentou sexo e necromancia.

Mas a coisa não ia. Ele era muito duro.

Mas quem sabe talvez achassem um
ancoradouro...

Ora, uma criança! A solução podia ser
um filho...

Pelo sim, pelo não,
Tiveram um menino.

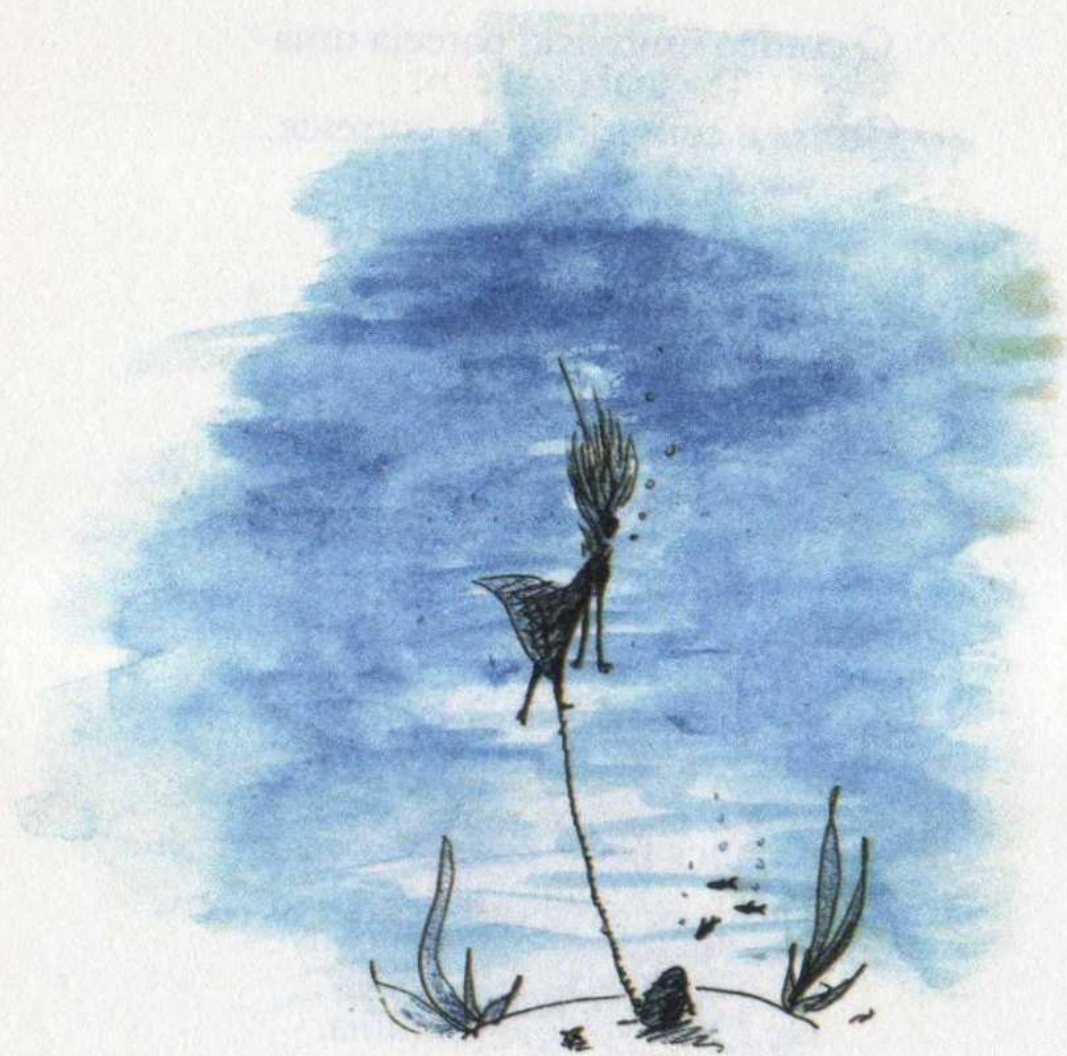


Mas para tirar o bebê do ventre
Foi preciso ajuda de uma grua.
O cordão umbilical parecia uma
Grossa e compridíssima corrente.

O feto era triste, feioso
E um tanto ferruginoso.
Em vez da tez tenra e rosa,
Sua pele era uma crosta cinza.

Para quem queria calma
A criança foi uma frente fria,
Antecedendo dias e mais dias
De tempestade e ventania.

Walker partiu com sua banda
Pra uma longa temporada.
Pois o que mais gostava
Era estar com o pé na estrada.



Ela se sentia muito sozinha
Cuidando do pequeno ancorazinha.

Um dia a barra ficou pesada,
E ela acabou sendo sugada.

Chegando no fundo do mar
Não tinha mais o que desejar
Era somente ela e seu bebê
E mais um ou outro peixe para ver.



O Menino Ostra sai para passear

E como era noite de Halloween,
O Menino Ostra se fantasiou de ser humano.

Agradecimentos

A Michael McDowell, Jill Jacobs Brack,
Rodney Kizziah, Eva Quiroz e David Szanto.

© 1997 Tim Burton

Todos os direitos reservados por Tim Burton
Publishing, Inc.

Sob a supervisão de William Morris Agency,
LLC; New York

Publicado originalmente em 1997, por Rob
Weisbach Books, um selo da Willian Morrow
and Company, Inc.

Título original: *The Melancholy Death of Oyster
Boy & Other Stories*

*É proibida a reprodução desta obra, parcial ou
integralmente, sem autorização expressa do autor
e da editora.*

EDITORA Fabiana Werneck Barcinski
EDITORA ASSISTENTE Beatriz Antunes
EDITOR DE ARTE Marcos Brias
ASSISTENTE DE ARTE Bruna Marchi
TRADUÇÃO Márcio Suzuki
AGENTE EDITORIAL Renata Carreto
PRODUTOR GRÁFICO Lívio Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burton, Tim

O triste fim do pequeno menino Ostra e outras
histórias / texto e ilustrações Tim Burton;
tradução Márcio Suzuki. – São Paulo: Girafinha, 2007.

ISBN 978-85-99520-53-6

1. Poesia norte-americana
1. Título.

07-2709

CDD-811.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura norte-americana 811.4


girafinha

Todos os direitos reservados

Tel: [55 11] 3258 88 78

Fax: [55 11] 3255 11 92

Avenida Angélica, 2503, CJ. 125

São Paulo — SP 01227-200

www.girafinha.com.br

O leitor vai encontrar neste livro a doce melancolia de *Edward Mãos de Tesoura*, o surrealismo dos personagens de *Os fantasmas se divertem*, o alargamento da fronteira entre material adulto e infantil de *O estranho mundo de Jack*, a poética por trás do terror de *Ed Wood*, a atmosfera dark de *Batman*, o visual gótico de *A noiva cadáver*, a fantasia de *Peixe grande*.

Como seus personagens, este livro parece deslocado. Não se enquadra em nenhum nicho. É triste, mas engraçado. É infantil, mas adulto. A mente de Burton é um universo à parte. E este livro parece ser sua melhor radiografia.

PHILIPPE BARCINSKI

Cineasta, roteirista e autor do livro infantil *O rapto do professor de matemática* [Girafinha, 2007].



Das incríveis animações em *stop motion* — como *O estranho mundo de Jack* e *A noiva cadáver* — aos modernos e excêntricos contos de fada *Edward Mãos de Tesoura* e *Peixe grande*, o cineasta Tim Burton tornou-se conhecido por sua linguagem visual única, que equilibra perspicácia e humor ácido.

Neste livro, em que as ilustrações evocam a doçura e a tragédia da vida, Burton apresenta uma galeria de personagens infantis muito peculiares. Incompreendidos e desajustados, eles lutam para encontrar amor e aceitação em um mundo cruel. São desesperançados e infelizes heróis que nos lembram o lado negro que há em todos nós.

TIM BURTON é diretor dos filmes *Batman*, *Ed Wood*, *Os fantasmas se divertem*, *Marte ataca*, a nova versão de *A fantástica fábrica de chocolate*, entre outros.

Tradução MÁRCIO SUZUKI



ISBN 978-85-99520-53-0



9 788599 520536